

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS -GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

ATRAVÉS DO ESPELHO

Um Ensaio Etnográfico sobre as Representações
do Corpo Feminino entre Mulheres de Camada Média Alta na Cidade do Recife

FABIANA MARIA GAMA PEREIRA

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À BANCA EXAMINADORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, COMO REQUISITO PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM ANTROPOLOGIA

ORIENTAÇÃO: PROF. DR. ANTÔNIO MOTTA

RECIFE/2001

AGRADECIMENTOS

A Deus.

Ao meu pai, Geraldo Pereira, que me incentivou a adentrar-me no universo da Antropologia e da pesquisa científica.

À minha mãe, Zaina, que me ensinou que a construção da vida se faz com dedicação, carinho, sensibilidade e amor.

Às minhas irmãs.

Às minhas Avós: Lila e Ivanise que mostram o quanto o passar do tempo requer aprendizado, maturidade e paciência.

A Tia Beatriz, que me ajudou e me incentivou na pesquisa.

A Lígia, que sempre de “bom humor”, teve uma palavra motivadora nos momentos de “cansaço”.

Às minhas informantes: Tânia, Rebeca, Liliane, Priscila, Graziela, Camila, Cíntia, Maria, Joana, Kelly, Laura, Aparecida, Beatriz, Zélia e Júlia que com a delicadeza

dos seus gestos, e com o respeito e cordialidade com que participaram desta pesquisa, em muito contribuíram, e sem elas o trabalho jamais teria sido realizado.

A elas, às suas intimidades, o meu respeito!

Aos Profissionais da estética, Professores de ginástica, Diretores de academias, clínicas e spas, que com seriedade realizam as suas tarefas diárias, valorizando a saúde e a beleza como critérios fundamentais à vida humana.

Ao Jornalista e Colunista contemplado, pela sua sensibilidade para com o que é da ordem do humano.

Ao meu orientador: Prof. Doutor Antônio Motta, sempre presente e disponível. Pessoa íntegra, com quem aprendi, troquei experiências e pude, a partir da sua sabedoria, entender o quanto o fazer científico é uma arte que deve se perpetuar.

À minha Psicanalista, Elizabeth Siqueira, que me acompanhou neste processo de lutas e conquistas profissionais e pessoais. Momento de amadurecimento psíquico único. A ti, devo isto!

Aos Mestres: P. Scott, Judith Hoffnagel, Renato Athias, Tito, que, com suas particularidades, souberam ensinar com ética e sabedoria detalhes de uma ciência tão distinta: a Antropologia.

Ao Frei Tito que me acompanhou no estágio de docência, o que foi algo de fundamental importância no meu percurso universitário.

Às Professoras Salete e Tânia Kauffman que participaram da avaliação do meu Projeto de Tese, contribuindo bastante para o amadurecimento da escrita posterior.

À Professora Maria do Carmo Brandão, na condição de Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia e membro da banca examinadora.

À Professora Edilene Queiroz, que me ajudou a pensar sobre a temática do corpo num viés psicanalítico e antropológico e enquanto membro da banca examinadora.

Aos Meus Queridos Professores e Supervisores do Curso de Graduação em Psicologia.

À CAPS, pelo incentivo financeiro para a pesquisa científica.

Às minhas amigas: Cecília Patrício, Juíra, Geórgia Reis e Sandra, que puderam compartilhar todo o andamento deste Rito de Passagem. Valeu!

Ao meu amigo Arthur, um índio que me ensinou muito com a sua cultura e o seu jeito singelo, espontâneo e puro.

A Leonardo Machado, por ter estado ao meu lado nos últimos momentos desse trajeto.

À minha “Régia”, pessoa que torceu por mim, e com quem pude contar!

A Ana Maria e Miriam, pelas suas dedicações administrativas.

A Ademilda, pela gentileza com que sempre prestou os seus serviços.

A Mariza Maia de Andrade, pela presença e disponibilidade de sempre.

A Marcílio, Elvira e Gilberto, pela atenção e cuidados estéticos com o trabalho.

A Jair pela tradução em Inglês.

RESUMO

Este trabalho procura enfocar algumas representações do corpo feminino a partir de um grupo de 15 mulheres que têm uma vida aparentemente “normal”, ou seja, estudam, trabalham, cuidam da casa, dos filhos, mas que, no entanto, possuem algumas afinidades em comuns que entre elas destacam-se:

O culto à beleza do corpo, a vaidade, a preocupação com a aparência estética. Fazem parte de um universo de pessoas que, por cultuarem a vaidade, dão extrema importância ao físico, o que as faz frequentar espaços como Academias de Ginástica, SPAS e Clínicas de Rejuvenescimento. Além disso, são consumidoras de produtos voltados para o embelezamento corporal.

A maioria já se submeteu a algum tipo de intervenção no corpo de natureza estética, como uma cirurgia plástica ou lipoaspiração. Todas temem a gordura e parecem se influenciar pela publicidade no que concerne ao padrão de beleza contemporâneo.

Achei que seria imprescindível, no tema de interesse, verificar a preocupação destas mulheres com suas imagens e a partir daí entender e compreender o significado que tem para elas o consumo com a beleza, os prazeres desse tipo de demanda, além de outras implicações que sugerem fazer parte de pessoas pertencentes a uma camada sócio-econômica diferenciada.

A indagação que norteou a pesquisa foi o que realmente faz dessas mulheres verdadeiras dependentes e prisioneiras do “ópio especular” de sua própria imagem, sempre através do olhar vigilante de um Outro?

ABSTRACT

The present work is focussed on female representations of human body from a group of 15 women who have an apparent normal life, in other words, they study, work, look after their children and home. They also have other common particularities, such as vanity and concerns about aesthetic appearance.

They are part of a system where people give extreme importance to physical appearance, hence they are always seen in places like gyms, spa and aesthetic clinics. Furthermore, they are considered heavy consumers of aesthetic products.

The majority have already done surgical interventions such as plastic surgery or lipoaspiration. They are all afraid of fat and seem to be influenced by publicity and current aesthetic standards.

I found it important to verify the worries of these women regarding their image and then try to understand the meaning of beauty consuming, the pleasures associated with this kind of demand, among other implications that suggest being part of people grouped in a higher social-economic class.

The main question was therefore what drives these women truly dependent and prisoners of their own image, always aware of the vigilant sight of someone else.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
---------------------------	---

CAPÍTULO 1

A POLISSEMIA DO CORPO	14
1.1. O Corpo na História	18
1.2. O Dualismo Cartesiano	21
1.3. O Corpo na contemporaneidade	24
1.4. O Corpo Fetiche	27

CAPÍTULO 2

O APELO AO MERCADO DE CONSUMO ESTÉTICO	37
2.1. Moda	38
2.2. Regras de etiqueta	42
2.3. Revistas	44
2.4. Multimeios	48

CAPÍTULO 3

REMODELAGENS

3.1. Academias	71
3.2. SPAS; Clínicas	81

CAPÍTULO 4

ESPELHO MEU 96

BIBLIOGRAFIA 109

***“EU NÃO VOU ENTRAR AINDA,
NÃO, VOU NÃO. SEI QUE TERIA
DE ATRAVESSAR O ESPELHO OUTRA
VEZ E VOLTAR À MINHA VELHA
SALA. E ADEUS MINHAS AVENTURAS!”***

Lewis Carrol, Through The Looking - Glass

APRESENTAÇÃO

Em diferentes épocas e culturas o ser humano chamou a atenção de estudiosos pela sua vaidade. Recentemente, arqueólogos descobriram vestígios de perfumaria e salões de beleza egípcios que datam aproximadamente do ano de 4000 A. C, bem como a existência de cosméticos, que atribuem a 6.000 A. C. conforme assinalou Diane ACKERMAN:

“Os egípcios antigos preferiam as sombras para as pálpebras em verde recoberto por um brilho que obtinham amassando a carapaça iridescente de determinados besouros; delineador e rímel; batom azul-preto; rouge vermelho; e pés e mãos tingidos com henna. Depilavam completamente as sobrancelhas, desenhando outras, falsas. Uma mulher egípcia daquela época que acompanhasse a moda ressaltava as veias de seus seios desenhando-se em azul e coloriam os mamilos de dourado. A cor do esmalte assinalava seu status social, sendo o mais elevado representado pelo vermelho. Os homens também se permitiam

o uso de porções elaboradas e de outros embelezamentos, o que não era feito somente para sair à noite: o túmulo de Tutankhamon encerra entre suas riquezas inúmeros jarros de maquilagem e cremes de beleza, para o seu uso na vida após a morte. Os homens romanos adoravam os cosméticos, e os guerreiros penteavam e perfumavam os cabelos e pintavam as unhas antes de ir para as batalhas.¹

Por outro lado, historiadores afirmam que durante o século XVIII as mulheres nobres européias comiam biscoito de arsênico a fim de tornar a pele mais branca, pois tal substância inibia os glóbulos vermelhos do sangue, fazendo com que elas desenvolvessem uma pigmentação bastante apreciada entre as camadas aristocráticas da época. A representação estética ocidental do corpo feminino também constituiu objeto de interesse de artistas e de escultores. Formas, signos e representações variaram de acordo com os padrões estéticos socialmente aceitos em diferentes contextos culturais.

Com efeito, o corpo humano, em geral, tornou-se objeto e tema particularmente atraente, propício a diferentes tipos de abordagens. Mais recentemente, tanto a História quanto a Antropologia têm investigado sistematicamente essa temática. No entanto, foi com esta última que o estudo do corpo encontrou um campo privilegiado, na medida em que se constitui elemento principal da representação da identidade do indivíduo em contextos culturais diferenciados.

¹ Diane ACKERMAN, “Uma História Natural dos Sentidos”, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil,

Além disso, foi a Ciência Antropológica que se encarregou de operar um descentramento significativo na imagem ocidentalizada da mulher, na medida em que soube concentrar seus interesses nas diferentes formas de representações. Conforme sugerem diferentes etnografias clássicas, o uso do corpo feminino adquire significados particulares, tanto no plano social, econômico e biológico, quanto no estético-cultural².

Embora sofrendo mutações diversas ao longo do tempo, o culto ao corpo, e particularmente ao corpo feminino, continua ainda hoje a exercer um forte fascínio na cultura ocidental contemporânea. Neste sentido, as suas representações, passaram cada vez mais a constituir um elevado bem de valor no mercado especializado, que inclui todo tipo de serviço voltado para o embelezamento corporal.

É importante observar que na sociedade brasileira, imagens femininas têm adquirido dimensões extremamente fetichizadas: as suas simbolizações não mais correspondem aos velhos clichês românticos do passado. Atualmente, cada vez mais, se encontram orientadas por padrões socialmente impostos através de uma “tirania estética” fornecida pelos multimeios, que impõem e exigem cuidados exagerados com a aparência.

É, pois, partindo dessa constatação que pretendo situar o campo de

1996, pp.322-323.

² Dentre os vários trabalhos, destacam-se os de David Le Breton: “Corps et Sociétés. Essais de Sociologie et D’Anthropologie du Corps”, Paris, Méridiens-Klincsieck, 1995; “La Sociologie du Corps”, Paris, PUF, 1991; “Des Visages. Essai D’Anthropologie”, Paris, Métailié, 1992; “La Chair à Vif. Usages Médicaux et Mondains du Corps Humain”, Paris, Métailié, 1993.

minha pesquisa. O ponto de partida, isto é, aquilo que realmente motivou-me desde os primeiros momentos a levar adiante a investigação, era entender: **o que levava a algumas dessas mulheres a ceder tão facilmente às tentações do mercado de consumo estético, a ponto de dedicar todo o seu tempo livre ao culto do corpo? O que realmente fazia de algumas delas verdadeiras dependentes do “ópio especular” de sua própria imagem?**

Para tal fim, procurei selecionar um grupo de 15 mulheres, de perfil etário diversificado, pertencentes à classe média alta do Recife. Além disso, possuindo afinidades eletivas comuns: *vie mondaine, brillante et frivole* como os personagens de *La Recherche du Temps Perdu* de Marcel Proust.

Algumas são casadas, do lar, acompanhando o crescimento dos filhos, o marido às recepções sociais, saboreando o famoso *five o'clock tea* com as amigas ou os jogos intermináveis de cartas. Outras mais jovens e solteiras, circulando nos lugares de moda, exibindo o corpo nas piscinas e nas praias, nas festas de “ricos e famosos”, etc. E, em menor proporção, aquelas que conseguem conciliar a vida mundana com a seriedade profissional exercida fora do âmbito doméstico.

Provavelmente aqui alguém poderia se indagar: qual o critério mais importante para seleção dessas mulheres? Eu diria simplesmente que o fator principal foi o conjunto de valores por elas compartilhados e cultuados:

O culto à beleza do corpo pode ser constatado a partir das seguintes práticas:

1. Consumo de todo tipo de produto que visa o embelezamento do corpo;

2. Vínculo com Academias, SPAS e Clínicas de Rejuvenescimento;

3. Intervenção no corpo, que vai desde uma cirurgia plástica, lipoaspiração até uma descamação epidérmica.

Na medida em que fui me adentrando no campo, percebi a necessidade de considerar algumas variáveis que nortearam a *démarche* desta pesquisa:

1 – O perfil etário heterogêneo (de 30 a 59 anos) foi definido durante a pesquisa de campo, na medida em que pude perceber que as mulheres freqüentadoras dos serviços especializados (Academias, por exemplo) pertenciam a diferentes gerações, muitas vezes lado a lado mães e filhas. Aliás, foi esta cumplicidade intergeracional, em torno dos cuidados corporais, que me chamou a atenção para a importância da faixa etária dos 30 ao 59. Além disso, os indicadores numéricos, fornecidos pela Academia, sugeriam esta faixa etária como a de maior freqüentadores do sexo feminino.

Para mim, outro dado importante, que pude observar, é o de que nessa faixa intermediária, entre maturidade e velhice, as mulheres possuem claramente definidas suas opções inclusive, a de transformar o corpo no

principal objeto de suas vidas.

2 – O pertencimento a uma camada social considerada alta. Tal variante foi se revelando devido à própria exigência do objeto pesquisado, isto é, dispor de recursos econômicos para gastar com a vaidade corpórea. Assim, na medida em que fui alargando os contatos com essas mulheres, fui percebendo também a importância para elas de pertencerem a uma classe social economicamente elevada, banidas completamente as preocupações de sobrevivência doméstica tão comuns às camadas médias e baixas da sociedade brasileira. Além disso, é claro, o conjunto de valores compartilhado por todo o grupo, isto é, as inscrições sociais do corpo como signos de distinção. Poderia aqui exemplificar algumas delas: roupas caras de grife, jóias exclusivas, as mãos e unhas impecáveis, cabelos sempre penteados e escovados no *coiffeur*, a pele ligeiramente dourada pelo sol, sapatos e acessórios importados, preocupação com a postura do corpo e o uso das mãos, o andar, o sentar, o falar, etc.

3 – O estado civil dessas mulheres inicialmente pareceu-me um fator complicador, pois havia uma grande diversidade de situações: solteiras, desquitadas, casadas, e viúvas. Depois fui percebendo que no caso do grupo a definição de um estado civil não era determinante no culto ao corpo. Entretanto, foi significativo no que diz respeito a determinados tipos de comportamentos como, por exemplo, divertir-se mais à noite, freqüentar lugares da moda, poder de sedução, etc.

Para que a pesquisa fosse efetivada, senti a necessidade de definir um campo empírico significativo que pudesse encontrar essas mulheres e que fosse viabilizada as condições necessárias. Deste modo, acabei fazendo opção pelas Academias, pois para aqueles locais convergiam o tipo de mulher que eu julgava pertinente para este estudo. Além disso, o espaço em questão constitui o melhor exemplo daquilo que denomino *Templo da Beleza*, talvez por ser um lugar que, como nenhum outro, sintetize o conjunto de valores próprios a uma estética de consumo do corpo.

Antes de iniciar a pesquisa de campo, realizei uma pequena triagem, piloto, em locais destinados à estética corporal, onde foram distribuídos questionários contendo perguntas relacionadas aos temas de meu interesse. A amostra foi selecionada em Academias, Centros de Rejuvenescimento e SPAS. Acabei optando por uma única Academia, pois ali reunia a amostragem que necessitava para iniciar a pesquisa.

O contato com o grupo de 15 mulheres deu-se durante 06 meses de intensa observação participante. No começo, houve uma certa dificuldade de aproximação, pois quanto mais alto é o nível sócio econômico das pessoas envolvidas, maior dificuldade tem para falar abertamente de suas intimidades. Aliás, quando necessitam recorrem ao psicanalista e nunca ao antropólogo.

Provavelmente esse fato constituiu para mim um grande desafio. Primeiro: trabalhar com um tema pouquíssimo explorado, especialmente quando se trata de camadas altas da sociedade. As ciências sociais têm se

debruçado excessivamente sobre as populações de baixa renda, negligenciando, por preconceito ou não, a outra face da moeda: os ricos.

Muita coisa falta para ser estudada sobre pessoas que consomem excessivamente e possuem um estilo de vida bastante peculiar. Foi o que tentei realizar: uma incursão etnográfica e subjetiva no cotidiano de algumas dessas mulheres: para uns, consideradas frívolas, para outros, excessivamente narcisistas. Independentemente de como são vistas ou representadas, foram elas que me ajudaram a entender e decifrar muito dos valores correntes na cultura contemporânea.

Para tanto, foi preciso então freqüentar regularmente diferentes modalidades de sessões de uma Academia, ora como uma etnógrafa, ora como uma cliente em busca de serviços estéticos especializados. Num primeiro momento, percebi que minha relação estava bastante formal, sendo muito artificial o contato com as minhas interlocutoras.

A partir daí me esforcei ao máximo para que a minha integração se desse de forma natural, sem que fosse olhada como uma intrusa, quebrando a cumplicidade existente entre aquelas mulheres, e assim, podendo adquirir o grau de confiança necessário para que pudesse de fato iniciar a pesquisa.

Um mês depois, o gelo havia rompido e eu já começava a me sentir bastante à vontade entre o grupo. Durante o intervalo de uma sessão e outra,

costumávamos conversar e comentar fatos corriqueiros da Academia e era nesse momento, em particular, que essas mulheres se permitiam confidências de foro íntimo. No final da manhã ou início da noite, a depender do horário escolhido, costumávamos sair para um bar ou almoçar em algum restaurante onde podíamos continuar nossas conversas intermináveis. Foi assim que conheci outras mulheres, sempre apresentadas por uma do grupo. Deste modo, criava-se um circuito de sociabilidade, favorecendo o andamento da pesquisa.

Foi através dessas estratégias metodológicas, que acabei freqüentando um SPA e diferentes Clínicas de Rejuvenescimentos, todas em companhia de algumas das mulheres com as quais travei contato na Academia. Por questões éticas evitei desenvolver comentários pessoais, omitindo assim detalhes sobre o estado civil, idade, profissão e outros aspectos reveladores de sua condição social, preferências, enfim, narrativa de vida que pudesse revelar traços de suas personalidades.

É importante ressaltar que uma das condições impostas pelo grupo foi a completa omissão de detalhes e de informações que pudessem vir a identificar algumas dessas mulheres. Entretanto, estou consciente que tal exigência, de certo modo, limitou minha narrativa etnográfica na medida em que não pude desenvolver o perfil detalhado dessas mulheres e, por conseguinte, inibindo de certo modo o conteúdo de minhas interpretações.

Pesquisar um objeto próximo é sempre um desafio. Aliás, esse parece ser o caminho da Antropologia contemporânea em contextos complexos. Sobre

isso já advertiu Gilberto VELHO, especialmente ao realizar sua pesquisa com jovens usuários de drogas, de camada média alta do Rio de Janeiro. Para tanto, precisou freqüentar diariamente uma lanchonete e comer *hamburger* e *milk shake*, perdendo talvez sua identidade de cientista “caretão” eventualmente identificada na roupa e na postura formal do pesquisador³.

Quanto a minha iniciação, é verdade, dispensei comer sanduíche, pois era um dos interditos dietéticos de um universo anti-calórico que cultua sobretudo a magreza do corpo. Por outro lado, precisei usar malhas e exercitar os músculos. Foi só dessa forma que consegui finalmente me aproximar das pessoas seja na esfera das Academias, seja dos SPAS e Centros de Rejuvenescimentos.

As minhas opções teóricas estão explicitadas em todo o corpo da dissertação, evitando dessa forma isolar em blocos estáticos. É na descrição etnográfica que busco recuperar as múltiplas significações das vozes femininas, restituindo o dialogismo necessário que demanda o discurso antropológico.

O trabalho se encontra dividido em quatro capítulos. No primeiro, busco situar a problemática a partir de uma perspectiva diacrônica, tentando, na medida do possível, identificar algumas das principais mutações pela qual passou o conceito e a representação do corpo em diferentes contextos

³ Ver: Gilberto VELHO, “Nobres e Anjos”, Um Estudo de Tóxicos e Hierarquia, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998.

históricos e culturais do Ocidente.

No segundo capítulo, procuro deslocar a questão do corpo para contemporaneidade, enfocando algumas modalidades de consumo, tais como a moda, as regras de etiqueta, as revistas e os multimeios.

O terceiro capítulo é uma etnografia dos lugares em que se dão a construção dos novos padrões de estética corporal atrelados ao consumo e à mídia. Nele emergem as principais representações de um grupo de mulheres que dedicam o seu tempo livre ao culto do corpo.

Finalmente, no quarto capítulo, sob forte inspiração de Michel Foucault discuto e interpreto, a partir das falas dessas mulheres, o conteúdo das relações especulares que estruturam as principais representações sobre o esquema corporal feminino.

CAPÍTULO 1

A POLISSEMIA DO CORPO

A imagem corporal é um signo que cada ser humano carrega consigo. No corpo encontram-se implícitos diversos valores e significados moldados pelo contexto sócio-cultural ao qual o indivíduo pertence.

Conforme já enfatizou Marcel Mauss (1974), no corpo se encontram impressos diferentes significações sociais, constituindo um importante veículo cultural de comunicação. Neste sentido, cada indivíduo carrega consigo sua cultura a qual costuma exprimir-se através das diversas formas de comportamento que ele utiliza: o andar, o comer, o beber, as posições sexuais, enfim, modos de expressão do contexto que a pessoa pertence. Para o autor, o homem deve ser visto enquanto “Ser total”, dentro de um tríptico viés, ou seja,

bio-psico-social, sendo exatamente isto que o diferencia do animal⁴.

Até bem pouco tempo as ciências médicas foram as principais responsáveis pelas pesquisas e estudos relacionados ao corpo humano, tratando-o através de uma perspectiva biológica, isto é, do “corpo máquina”, concentrando o foco de interesse na saúde e suas conseqüências orgânicas.

Só recentemente começaram a surgir os primeiros trabalhos sobre essa temática a partir de uma perspectiva humanística e social, relegando a um segundo plano a “onipotência” do discurso médico, que até então orientava essencialmente o referido assunto.

Se passarmos a Lévi-Strauss, enquanto animais fazemos parte da natureza, mas enquanto seres humanos, somos parte da cultura, e é exatamente no corpo que Cultura e Natureza dialogam, Grupo e Indivíduo se interpenetram⁵.

Diferentes formas de comportamentos são vivenciadas pelos indivíduos, isto devido a diversas motivações orgânicas que os impulsionam a determinados atos. Mas a cada uma dessas motivações biológicas o sistema

⁴ Ver: Marcel MAUSS, *As Técnicas Corporais*, in “Sociologia e Antropologia”, São Paulo, EDUSP, 1974, pp. 209-233.

Outro estudo também pioneiro é o de Robert Hertz, intitulado *La Prééminence de la Main Droite*. Segundo as suas observações, a predominância de uma das mãos é algo que tem relação com a forma com que a sociedade impõe suas regras. Sabe-se que alguns valores são atribuídos à direita e à esquerda. A direita correspondem os estímulos intelectuais, o bom senso, o caráter, a moral. Já com relação a outra, é exatamente o contrário, como: erro, esquisitice. Segundo as observações de Hertz, as pessoas, quando treinadas, as mãos tinham o mesmo rendimento, ou quando acontece um acidente com uma das mãos, a outra aprende a substituí-la muito bem.

⁵ Ver: José Carlos RODRIGUES, “O Tabu do Corpo”, Rio de Janeiro, Achiamé, 1983, pp. 47.

cultural atribui um significado especial, inibindo ou exaltando alguns desses impulsos conforme o grau de importância a que é socialmente atribuído.

Assim, desde o momento em que o homem se socializa, a cultura se inscreve no fisiológico e vice-versa. Dessa forma, para o cientista social tudo o que for expressivo no corpo, isto é, o que for passível de comunicação é objeto de estudo.

Como já sugeriu Marcel Mauss (1974), é papel do antropólogo fazer uma leitura do corpo na sua dimensão social e cultural, leitura que vai além de suas fronteiras anatômicas e orgânicas, como queria a biologia e a medicina do século XIX⁶.

Com efeito, estudar a imagem corporal pode ser também um meio eficaz de entender alguns significados da relação do homem com a sua cultura, já que as representações ligadas ao corpo estão diretamente relacionadas aos sistemas de valores presentes em diferentes contextos sociais em que padrões corporais são impostos e também freqüentemente alterados.

Neste sentido, a Antropologia tem demonstrado que é na experiência cotidiana vivenciada por cada indivíduo que tais significados vão se constituindo, na medida em que cada cultura tem um modo particular de representar o corpo e suas vicissitudes. Saber este que é transmitido não somente através da herança genética, mas sobretudo comunicado socialmente de acordo com o sistema de valores de cada contexto sócio-cultural.

⁶ MAUSS, M. Idem, pp. 209 – 233.

Nesta perspectiva é absolutamente importante a idéia de relativismo da imagem corporal, pois aquilo que parece sexualmente estimulante em uma determinada sociedade pode exercer o efeito contrário em outra. Como bem observa José Carlos Rodrigues, em *O Tabu do Corpo* (1983) há na África Central um ideal de estética feminina que identifica a beleza com a obesidade, sendo a moça, na época de sua puberdade, submetida às mais diferentes técnicas, capazes de fazê-la engordar.

O ideal estético baseado nas formas corpulentas serviu como modelo para a pintura barroca e renascentista. O seu oposto parece impregnar a estética do último quartel do século passado em que predominou sobretudo um ideal estético baseado nas formas longilíneas do corpo humano⁷.

⁷ Ver: CLARK, A. "The Nude: A Study of Ideal Art", London, John Murray, 1956.

1.1. O Corpo na História

Visto de uma perspectiva histórica, a relação do ser humano com seu físico foi sendo manifestada sob diversas formas e, aos poucos, se modificando com o passar dos tempos. Desde os primeiros ensaios antropológicos, enfocando as mais diversas áreas culturais, as técnicas corporais seriam vistas como um ponto de distinção entre os povos, evidenciando-se pelas diferenças físicas corporais e por seus respectivos usos e costumes em relação ao modelo da cultura ocidental.

Foi somente a partir do século XIX, que o corpo, visto como elemento de hierarquização de povos e culturas, encontra o seu apogeu com a Antropologia Física e suas explicações referentes à superioridade da espécie humana baseada na idéia de raças.

No ocidente, por exemplo, as mudanças sociais foram de fundamental importância neste processo transformador. Assim, o sociólogo José C. Rodrigues chamou a atenção para a significação que a imagem corporal possuía nas sociedades medievais, significação essa deveras diferente da concepção atual, mas que, no entanto, para se entender o que se passa nas sociedades ocidentais contemporâneas, é necessário recorrer a perspectiva diacrônica⁸.

Na idade média, as pessoas tinham a crença de que o corpo não se separava do espírito, ou melhor, se agregava à instância social e até ao Cosmo, havendo uma concepção holística do ser no mundo. Falava-se na proibição em dissecar cadáveres, pois mexer no corpo seria tocar a alma, já que se acreditava que a alma, mesmo depois da morte, tomava a forma do corpo. Conforme ressaltou o autor:

“As primeiras dissecações se deram no início do século XIV, eram públicas e dependiam de uma autorização do Papa. Assim, as sepulturas eram coletivas, estando os cemitérios, em sua grande maioria, localizados nas imediações do centro das cidades. Vida e morte possuíam significados diferentes, como se a morte fosse uma continuação do ser. Somente por volta dos séculos XVIII e XIX que os cemitérios passaram a se constituir um direito individual. Os registros a respeito dos maus cheiros, dos riscos à saúde são posteriores ao período medieval, fazendo emergir naturalmente uma nova concepção sobre o corpo e suas peculiaridades.⁹”

Naquele tempo, o corpo era apreendido e representado como algo inacabado, aberto ao Cosmos. Dessas imagens do corpo aberto (exposto) é que emerge a representação mítica de corpo monstruoso, presente na literatura da época, através da figura emblemática do Pantagruel de Rabelais. Como se sabe, trata-se de um ser monstruoso e faminto que a tudo devora. Para Bakhtin, a representação do corpo medievo valoriza as aberturas, os

⁸ A esse respeito ver: José C. Rodrigues, “O Corpo na História”, Rio de Janeiro, Fiocruz, 1999.

⁹ Idem, pp. 59.

orifícios, as nádegas e excrescências, ultrapassando as fronteiras entre o corpo e o mundo.

Conforme assinalou G. VIGARELLO existia também um grande interesse em relação à boca e o nariz, este último simbolizando o falo¹⁰. A sexualidade encontrava-se por demais presente em todas as instâncias da vida social, através de signos e símbolos. Segundo Bakhtin, os olhos não possuíam tanta importância quanto partes periféricas ou médio baixo do corpo. O órgão predominante era a boca aberta a que tudo devorava, o rosto servindo apenas para emoldurá-la¹¹.

¹⁰Ver: VIGARELLO, G. “Le Prope et Le Sale. L’hygiène du Corps depuis Le Moyen-Âge”, Paris, Seuil, 1982.

¹¹ Ver: M.BAKHTIN, “A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais”. São Paulo, UNB, 1996.

1.2. O Dualismo Cartesiano

O advento do dualismo cartesiano é um marco, pois é aí que se começa a pensar na imagem de cada pessoa como algo singular e único, isto é, a construção de cada ser individualmente¹². Com esta nova concepção racionalista, o homem passou a ser entendido como um ser dotado de inteligência, tendo-se priorizado neste sentido, o seu intelecto, a cabeça, o rosto, em detrimento ao ânus ou a barriga¹³.

Do ponto de vista antropológico, falar no rosto é algo bastante interessante, pois é ele que estabelece o primeiro vínculo de comunicação com o outro, sendo aquilo que marca a singularidade de cada ser, a diferença individual e, segundo Le Breton (1992), o lugar mais humano do homem, ou seja, o lugar onde nasce o sentimento do sagrado. Inicialmente o rosto foi percebido como uma simples parte do corpo, passando a ter um lugar privilegiado na ótica individualista¹⁴.

Na sociedade ocidental, a importância dada ao rosto assume um papel fundamental. A distinção individual faz do rosto um valor bastante significativo.

¹² Na cultura Oriental, como no Japão o corpo ainda é entendido numa ótica holística, em que a natureza é o todo e o homem é parte dela, composto de alma e corpo, que são indissociáveis. Nesta fase, corpo e alma não mais se misturavam. A ciência é o que vem dominar o pensamento da época, explicando as noções corpóreas, que se regem por princípios mecânicos próprios, independentemente da idéia de essência. Para maiores detalhes ver: David Lê Breton, "Corps et Société. Essai de Sociologie et D'Anthropologie du Corps", Paris, Méridiens-Klincksieck, 1985.

¹³ Alguns autores apontam que a ênfase dada ao rosto intensificou-se após a idade média. A partir daí as cabeceiras das camas eram muito mais trabalhadas, valorizando as partes da face, cabelos, olhos, etc. Para maiores detalhes ver: Idem, 1992.

O corpo é a marca do seu limite com o mundo exterior e os outros, enquanto a face, considerada como território do corpo, é o lugar que se inscreve a distinção individual. Lugar de expressividade permanente, o rosto é tanto mais valorizado quanto maior for o valor que a sociedade concebe ao indivíduo.

É nessa época que começam a aparecer as primeiras telas contendo figuras humanas no lugar de paisagens. No início, as pinturas dos rostos estavam restritas as pessoas de classes mais altas, como uma forma de perpetuar a lembrança, o laço consangüíneo de alguma família importante. A fotografia surge já no século XIX, com todo o movimento de revolução industrial. Aos poucos, vai se popularizando e tornando-se um meio em que todos passaram a ter acesso¹⁵.

Neste caso, seria a vez da imagem de um corpo bem definido, fechado, que deveria se submeter ao crivo da biologia ou da medicina: limpo e asseado. Educado e disciplinado, foi preciso dar-lhe uma forma para que não incorresse na desordem ou no caos. O corpo precisou assim se entregar às dissecações e experiências de ordem biológica, com finalidade de se entender melhor os seus princípios e nomear os seus músculos e órgãos, havendo assim, para cada um deles, um especialista¹⁶.

Representado como o “corpo máquina”, este deveria ser avaliado como

¹⁴ Ibidem, 1992.

¹⁵ Ver: D. MÉAUX, *Le Corps du Photographe*, in: “Le Corps et Ses Discours”, Paris, L'Hartmathan, 1995.

um organismo integrado. Qualquer defeito no conjunto de seus órgãos se iniciaria um processo de luta contra a dor que não seria mais vista do ponto de vista metafísico, mas como parte de um sistema biológico amplo e complexo. Deste ângulo, o corpo passou a ser entendido como mortal, fadado à degradação e à velhice.

¹⁶ Ver: LE BRETON, D. “La Chair à Vif. Usages Médicaux et Mondains du Corps Humain”, Paris, Métailié, 1993.

1.3. O Corpo na Contemporaneidade

Aquilo que permeia a corporalidade é algo que desde cedo fascinou o homem em diferentes épocas e culturas. Atualmente, no entanto, a forma de olhar sobre o que entremeia a imagem humana se modificou bastante.

A todo o momento o indivíduo se defronta com assuntos desta ordem, dando a impressão que o corpo hoje, ao que parece, está se banalizando, sendo algo que certamente vem modificando a maneira de pensar os seus impasses, simbolismos e representações¹⁷.

Por isso, é altamente investido, transformado, modificado. As pessoas se colocam muitas vezes nas mãos dos médicos, considerados por alguns como verdadeiros “Deuses”, que “têm o poder” de reparar desde um simples traço através de uma pequena cirurgia plástica, até chegar ao ponto de reduzir um estômago, fazendo com que o indivíduo emagreça “magicamente” mesmo pondo em risco a sua própria vida. Ou, por outro lado, adiar a morte do paciente, dando-lhe artificialmente um tipo de sobrevida¹⁸.

Desta maneira, Lucien Sfez¹⁹, argumenta a propósito do fato de que na era da globalização os efeitos da ciência e da biotecnologia foram responsáveis por transformações radicais, nas quais novos procedimentos são implementados, prometendo a “saúde perfeita” e a longevidade do corpo.

¹⁷ Ver: Jean Baudrillard, “A Sociedade de Consumo”, Lisboa, Edições 70, 1995.

¹⁸ Ver: V. Packard, “L’Homme Remodelé”, Paris, Calmann-Lévy, 1978, pp. 283.

O autor faz uma crítica a essa nova forma de olhar sobre a imagem humana, que deixou de ser vista enquanto resultante de efeitos sócio-culturais para se homogeneizar. Assim, as antigas maneiras de pensar o corpo e seus impasses não respondem mais as novas demandas da sociedade contemporânea.

O homem passou a desejar ir além dos seus limites e, contrariamente à filosofia clássica, os genes passaram a ocupar o lugar da alma. Dessa forma, já se é possível manipular esta “alma” a fim de poder prevenir determinadas doenças ou até para se escolher as características dos seres do futuro. Assim, a prática médica se modificou e hoje há meios tecnológicos que mudam a relação do médico com o seu paciente, bem como a relação do indivíduo com o seu corpo²⁰.

Neste caso, a medicina deixará de ser preventiva para tornar-se preditiva. Tais interesses são característicos das sociedades ocidentais contemporâneas que se recusam a aceitar os limites do corpo, lutando contra o percurso natural da vida, na busca por uma ilusória imortalidade.

¹⁹ Ver: Lucien Sfez, “A Saúde Perfeita: Crítica de uma Nova Utopia”. São Paulo: Loyola, 1996.

²⁰ Ver: Michel Guillon, “Le Corps et L’appareil”. In Traverses, Paris, n 14-15, Avril, 1979, pp. 135.

1.4. O Corpo Fetiche

Negar o corpo que envelhece e que freqüentemente é associado à degradação e à morte assume para muitas mulheres um dos principais objetivos de vida. Para isso, algumas delas lançam mão de diferentes tipos de recursos para que possam se aproximar de um padrão estético que a sociedade impõe, tendo tal comportamento se tornado uma espécie de obsessão generalizada nas diferentes sociedades contemporâneas ocidentais.

Dentro de uma perspectiva histórica, foi só a partir dos anos 70 que a mulher passou a ocupar um maior espaço na sociedade, conquistando alguns direitos civis e, com isso, foi aos poucos ingressando nas universidades e no mercado de trabalho. Naturalmente, este fator concorreu para importantes mudanças sociais, na medida em que à mulher foi concedido o poder de autonomia sobre o seu próprio corpo, exercido através do controle da reprodução e incentivos no uso de métodos e técnicas anticoncepcionais.

Entre outras coisas, a sexualidade feminina tornou-se uma temática mais amplamente discutida e, portanto, a mulher vem cada vez mais assumindo seu lugar no campo do prazer e não só da reprodução. Até então havia um discurso dominante em torno da relação entre o corpo masculino e o corpo feminino, como versões hierárquicas de um único sexo. O corpo feminino era assim entendido como uma versão inferior e invertida do masculino, que só

possuía simplesmente a função reprodutiva²¹.

Isto, no entanto, foi algo que suscitou algumas críticas por parte de diferentes autores, como é o caso da feminista Naomi Wolf (1992) que em suas análises percebeu o quanto há por trás dessa “ilusória” liberdade conquistada pelas mulheres. Segundo ela, existe uma opressão social bastante forte relacionada ao que chamou de ‘Mito da Beleza’, sendo este o título de seu livro.

Ao mesmo tempo em que a mulher emergia na esfera social, também se sentia pressionada, pois iam crescendo consideravelmente as exigências relacionadas aos cuidados com a sua aparência estética por parte do contexto de trabalho. Quanto mais perto do poder maior é a exigência de sacrifício e preocupação com o físico feminino:

“Quanto mais numerosos foram os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis foram as imagens da beleza feminina a nós impostas”²².

Somente a partir da revolução industrial, as idéias acerca da beleza feminina evoluíram paralelamente com o interesse do mercado. As mulheres assim aprenderam a considerar a imagem, o visual, como partes de um sistema cultural mais amplo. Na década de setenta, a beleza passou a ser algo

²¹ Ver: Maria Luiza Heilborne (org.), “Sexualidade. O Olhar da Ciências Sociais”, Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

²² Ver: Naomi Wolf, “O Mito da Beleza”. Rio de Janeiro, Rocco, 1992, pp. 11.

que podia, sob o ponto de vista legal, fazer com que as mulheres ganhassem ou perdessem empregos. Classificava-se a mulher pela sua aparência, habilitando-a ou não a determinados cargos.

Ao corpo se aplicam, portanto, crenças e sentimentos da nossa vida social e que, ao mesmo tempo, não estão subordinados diretamente a ele. Assim, há um tipo de morte (social) que acontece com quem não está dentro do padrão estético estabelecido, passando a ser estigmatizado e muitas vezes rejeitado socialmente, sem conseguir um lugar no mercado de trabalho.

Conforme sugerem alguns estudos recentes, a mulher começa efetivamente a se desvincular da imagem de rainha do lar, embora continue a assumir os filhos e a família. A mudança social do papel feminino com a inclusão e igualdade no mercado de trabalho, bem como a ascensão no ambiente familiar, permitem hoje, entre outras coisas, que a maternidade aconteça sem detrimento da feminilidade ou da vaidade²³.

Por volta de 1980, a busca da beleza estava diretamente atrelada a uma categoria de “status”, isto é, o corpo feminino foi ‘redescoberto’ após uma era de puritanismo, em que as pessoas que se dedicavam ao corpo tinham um baixo reconhecimento social, sendo elas geralmente associadas a prostitutas ou pessoas anônimas. A presença massiva do corpo na publicidade, na moda e na cultura das massas, testemunha hoje sua banalização e fetiche²⁴.

²³ Idem, 1992.

²⁴ Ibidem, 1992.

Como vem acontecendo com a representação da imagem feminina, o conceito de vaidade masculina parece está também se modificando, talvez até pelo fato da mídia está atualmente cada vez mais erotizando o corpo do homem. A imagem do homem, segundo um colunista recifence, é aquele sem pelos no corpo e “sarado”, diferentemente de algum tempo quando eram mais “barrigudos e peludos”.

Anúncios publicitários confirmam que tem crescido o número de homens a freqüentarem locais destinados aos cuidados estéticos, principalmente os chamados “cinqüentões” que combinam virilidade, boa forma física e aparência.

Tudo isso foi fazendo com que a sociedade valorizasse muito a imagem externa, isto é, a aparência, em detrimento a outros atributos que, de certa forma, se tornaram secundários ou desvalorizados. Dessa forma, todo esse o discurso estético atrelado ao mercado de publicidade concorreu nesses últimos anos para que a imagem referente à mulher fosse associada sempre a um “rostinho bonito” ou um “corpinho ajeitado”.

O mito da beleza é tão antigo quanto a própria história da civilização ocidental. Aristóteles já falava que a “beleza é uma recomendação muito maior do que qualquer carta de apresentação”. Conforme revelam algumas pesquisas, o fato é que as pessoas “atraentes” têm maior facilidade na economia de mercado e no campo das relações profissionais. Desde criança, o

indivíduo vai aprendendo, com os contos de fada, que os heróis são bonitos, as heroínas lindas, e as bruxas são feias. As crianças vão então introjetando esta imagem de beleza associada a bondade ou a maldade e a sociedade implicitamente reforça ou corrobora esta mensagem.

“Em um estudo realizado em 1908 no sistema presidiário da cidade de Nova York, os homens com deformidades físicas, cicatrizes e outros defeitos, foram divididos em três grupos. O primeiro grupo, foi submetido a cirurgias estéticas, o segundo a conselhos e terapias e o terceiro não recebeu tratamento. Após um ano, quando os pesquisadores os examinaram novamente para vê como estavam se comportando, descobriram que aqueles que tinham se submetido a cirurgias plásticas estavam mais ajustados. Outras pesquisas feitas em firmas, fotos diferentes eram colocadas no mesmo *curriculum*, e a pessoa mais atraente era escolhida para o trabalho. Um outro estudo pedia que as pessoas olhassem a fotografia de um homem com uma mulher e avaliassem somente o homem. Como resultado, se a mulher que estava do lado do homem fosse a mais bonita, esse homem era julgado mais inteligente e bem sucedido, do que os que estavam acompanhados de mulheres não atraentes²⁵.”

Cuidar da imagem tornou-se uma prática não só banalizada nos meios de comunicação de massa como também um fetiche da sociedade. A imagem corporal já não é algo unicamente relacionado ao profano, talvez tenha migrado

²⁵ Ver: Diane Ackerman, “Uma História Natural dos Sentidos”, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996, pp. 320, 321.

à ordem do sagrado, já que muitos vão colocar este corpo como objeto de desejos sacralizados.

A idolatria pela imagem fez com que autores falassem num novo fenômeno presente na contemporaneidade denominado de “corpolatria”, definido como uma espécie de religião de vida, por meio da qual as pessoas relacionam-se com o corpo como uma espécie de objeto a ser adorado ou venerado²⁶.

A imagem corporal, então, passou, aos poucos, a representar uma dentre outras formas de diferenciação. Homens e mulheres foram sendo identificados pela maneira de se vestir, seus gestos, posturas, tom e timbre de voz, odor, vocabulário, maquiagem, corte de cabelo, forma de penteá-lo, enfim por diferentes signos e leituras dentro do meio ao qual pertencem.

Pode-se falar atualmente no poder presente na imagem estética que é vista, olhada e conseqüentemente avaliada e de acordo com os padrões consagrados pela maioria. O fato de não poder corresponder a uma imagem corporal “padrão” gera para algumas mulheres desconforto de diversas ordens. Entre eles, as sanções sociais que são vistos como “descuido” ou “desleixo” do corpo.

Portanto, malhar, correr, se depilar, espichar a pele, entre outras coisas,

²⁶ Ver: Angelina Bulcão Nascimento, “Quem tem Medo da Geração Shopping?”, Salvador, EDUFBA, 1999, pp. 105.

passaram a ser nos dias atuais, técnicas estéticas possuidoras de significados sociais importantes, pois constituem signos de diferenciação e de status presentes em diferentes camadas sociais.

Como já observou Pierre Bourdieu, é prática corrente que os indivíduos se identifiquem com os seus grupos de referência, os quais se compõem normalmente de pessoas com o mesmo nível sócio-econômico. Uma das maneiras de arranjos desses grupos é a identificação que cada membro faz com os outros, sendo uma dessas formas de contato estabelecida pela aparência que a pessoa possui. Neste sentido, é muito habitual perceber tal comportamento em determinados locais e eventos, onde indivíduos compartilham de um tipo de imagem ou aparência²⁷.

Partindo dessa perspectiva, Boltanski (1984) desenvolveu uma análise sobre os habitantes de uma cidade do interior da França. Dentro de suas observações, constatou que o interesse e a atenção que os indivíduos concedem ao corpo e à aparência crescem na medida em que estes se elevam na hierarquia social.

Segundo o autor, os membros das classes populares prestam menos atenção ao corpo do que os mais abastados que têm uma percepção mais aguçada e sensível de suas mensagens, o que acarreta no primeiro grupo até falta de prevenção de algumas doenças por esta omissão. Pode-se perceber, portanto, uma relação direta entre o cuidado com a aparência e o aspecto da

²⁷ Ver: Pierre Bourdieu, “La Distinction. Critique Sociale du Jugement”, Paris, Minuit, 1982.

saúde ou da doença²⁸.

Com relação à beleza, Boltanski (1984) verificou que as mulheres das classes populares maquiam-se menos do que as mulheres das outras classes e vão muito menos ao cabeleireiro, tendo isto uma conotação particular em cada grupo, já que para as mulheres com menos poder aquisitivo era até inadequado está sempre penteada e maquiada, isto porque tais códigos se relacionam nas classes populares francesas a eventos especiais, como festas ou outros acontecimentos importantes²⁹.

Tal constatação não deve está só ligada ao aspecto econômico, exprime também as regras e valores dominantes em cada classe social:

“(...) é menor o número de mulheres das classes populares a se declararem de acordo com a afirmação de que: ‘uma mulher deve fazer o máximo para cuidar e manter seu rosto e seu corpo’ e a declararem que gostariam, se pudessem, de consultar uma esteticista; além disso as variações de consumo de cada produto de beleza em função da categoria sócio-profissional são maiores quando se passa dos produtos de maquiagem aos produtos de tratamento, e especialmente aos produtos de cuidados com o corpo: as mulheres de classe populares compram e usam quase que exclusivamente produtos (batom, pó de arroz, etc.), cuja função é maquiar o rosto e cuja utilização, fortemente

²⁸ Ver: Luc Boltanski, “As Classes Sociais e o Corpo”, Rio de Janeiro, Graal, 1984

²⁹ Idem, 1984.

institucionalizada, está ligada aos momentos altos da vida social, aos domingos, às festas, às 'saídas'. Contrariamente, utilizam muito pouco – ao contrário das mulheres de classes superiores – os produtos, desodorantes, cremes, 'leites' ou depilatórios por exemplo, destinados a 'tratar' e a 'embelezar' o corpo inteiro e de maneira permanente, inclusive as partes do corpo que permanecem escondidas e às quais, conforme as regras que regem o uso do corpo nas classes populares, não convém prestar demasiada atenção³⁰.

Em geral, juventude, beleza, sedução, saúde, vitalidade, trabalho, entre outros são atributos veiculados nos diversos discursos que fazem evocar uma cultura feita para o jovem e para o rico, que carrega no seu corpo, na sua imagem, além de outras coisas, seu poder.

Durante a pesquisa que realizei entre mulheres de camadas altas da sociedade recifense, pude constatar que o visual é muito valorizado. Os indivíduos pertencentes a camada média alta são freqüentemente citados nas colunas sociais dos principais jornais da cidade que circulam em todo o Estado de Pernambuco, além de algumas regiões do Nordeste. As fotos retratam geralmente cerimônias e eventos importantes que uma determinada camada social tem acesso, sendo considerado "chique", e portanto símbolo de prestígio e status.

Com efeito, um famoso jornalista e colunista social recifense

³⁰ Idem, pp.151.

entrevistado e contemplado no âmbito desta pesquisa, assinalou que existe uma excessiva preocupação entre as pessoas quando vão aparecer em jornais ou revistas. Para isso é contratado maquiador especial, para que apareçam “da melhor maneira possível”, “mais jovem” e “bonita” do que é na realidade o são. No cotidiano assistimos a representação de um corpo que vem se tornando cada vez mais liberado, física e sexualmente, encontrando-se veiculado na publicidade, na moda, na telenovela, nos filmes, etc.

CAPÍTULO 2

O APELO AO MERCADO DE CONSUMO ESTÉTICO

Conforme já ressaltou Marcel Mauss (1971), cada sociedade privilegia maneiras de estar no mundo, isto é, de se vestir, de se enfeitar, de tomar banho, de comer, de “fazer amor”, etc. Tais práticas são reguladas por rituais de interação da vida cotidiana que refletem as diversas maneiras que os indivíduos se utilizam para fazerem usos de seus corpos.

Algumas práticas corporais assumem na sociedade contemporânea a dimensão de verdadeiros ritos profanos, exprimindo-se através de ações seqüenciais, papéis teatrais, valores e afinidades que são comunicados por sistemas codificados. Entre elas destacam-se algumas ritualizações das modalidades corporais, como a maquiagem, o vestir, o penteado e o corte de cabelo, entre outras práticas de preparação e de exibição, que são etapas

reguladas pelo mercado de consumo de produtos estéticos³¹.

2.1. Moda

Existe todo um significado social associado ou inscrito no vestuário, nos cabelos, na maquiagem, enfim em tudo o que o indivíduo carrega consigo em sua imagem, que contribui para a inscrição social numa determinada cultura³².

Os chamados “ritos de preparação” são momentos nos quais os indivíduos se compõem para desempenharem um determinado papel em algum espaço social. Isto se reflete através da inscrição da roupa, da maquiagem, do penteado, pois são elementos que se associam ao embelezamento estético³³.

O indivíduo vai assim procurando modificar sua aparência temporariamente, tendo com isto alguma finalidade específica, como bem assinala uma das interlocutoras de minha pesquisa, por mim nomeada Tânia (52 anos): *“Adoro me vestir bem, seja onde for. Gosto de me sentir bonita, sensual. Isto me faz gostar mais de mim. Quando não me sinto bem, não consigo pensar em coisas desse tipo, pois nenhuma roupa serve, na verdade*

³¹ Ver: D. Picard, “Du Code au Désir. Le Corps dans La Relation Sociale”, Paris, Dunod, 1983.

³² Ver: D. Perrot, “La Maquillage, Une Inscription Corporelle Moderne”, DEA, Paris V, 1995.

³³ Ver: Claude Rivière, “Les Rites Profanes”, Paris, PUF, 1995.

isto acontece quando estou triste, sei lá. Mas como sou muito vaidosa, sempre me preocupo com o que vou vestir, isto é muito importante, é claro”.

A origem destas práticas é social e cultural, pois representam signos de status aos grupos e de concordância com os seus interesses e sentidos. Júlia (30 anos), uma outra de nossas pesquisadas e uma das que mais freqüenta ambientes ditos “da moda” corrobora de forma exemplar a demanda de consumo de produtos considerados caros e supérfluos.

Costuma sair com amigos para os bares e boates os “mais badalados” da cidade e adora ser “fashion³⁴”. Nos seus relatos, enfatiza que efetivamente gasta muito com roupas, maquiagem e produtos afins, já que é muito importante este tipo de despesa, pois, segundo ela própria, saber se vestir é uma das condições básicas de convívio com as pessoas de seu grupo. Isto porque, seus amigos valorizam esses tipos de detalhes, tornando-se elementos de identificação de sua classe social.

O mesmo tipo de raciocínio é compartilhado por Priscila (35 anos), outra das nossas pesquisadas: *“Não consigo sair de casa quando não me sinto bem vestida. As pessoas reparam tudo, desde o cabelo, até as unhas. É muito importante a roupa, as bijuterias, pois as pessoas inicialmente se aproximam de você pela sua aparência. Mesmo que depois não role nada, os homens primeiro olham como você está vestida, e aí se você é brega, vai ser mais difícil*

de arranjar alguém para ficar”.

Apesar dos contrastes sociais da população, Recife passou a ser um dos importantes pólos de desfiles de moda.³⁵ Este tipo de evento tem sido estimulado pelos patrocinadores que se encarregam de trazer artistas e modelos conhecidos a fim de exibirem o que será comercializado para um determinado tipo de público.

As lojas de roupas estão regularmente enviando encartes com fotos de modelos, incentivando a clientela a “ficar mais bonita”, “mais sensual”, ou até “mais jovem”. Se o cliente é assíduo, a loja manda convites para coquetéis de lançamento das roupas da estação, como assinala Rebeca (55 anos): “(...) *difícilmente perco um desfile, pois é uma oportunidade de encontrar gente bonita e bem vestida, além de ter a oportunidade de fazer novas amizades”.*

O mercado de consumo estético tem gerado uma significativa preocupação da mulher com a sua imagem; um verdadeiro investimento de si mesmo, uma auto-observação estética que instiga, ao mesmo tempo, o prazer de ver e de ser vista, de exhibir-se ao olhar do outro e do mundo.

³⁴ O termo “fashion” vem do inglês e significa amoldar, ajustar, adaptar. Incorporou-se ao vocabulário de algumas pessoas, como é o caso da entrevistada em questão, para se referir ao que está na moda.

³⁵ Sabe-se que os grandes artistas da moda foram pessoas de fora que inspiram a criatividade de outros criadores. Um exemplo é Coco Chanel que ficou conhecida por ter vestido a mulher do século 20 com seus tailleurs, espécie de terno criado para a classe feminina, livrando-a dos tradicionais espartilhos. Outro conhecido é Yves Saint-Laurent que foi sucessor de Coco Chanel. Segundo as descrições, ele criou uma nova maneira de vestir a mulher, mais moderna, em sintonia com a revolução dos anos 60. Estes estilos ainda são copiados por muitas pessoas que se inspiram, até hoje nestes criadores, os quais são imitados no mundo inteiro. (p. 220)

A moda se oferece, nesse sentido, como um vetor perfeito para aquele que deseja a diferença e o inédito na instância da aparência, marcando, assim, uma aparição individual própria, personalizada, ainda que circunscrita numa familiaridade, na medida em que a moda ao mesmo tempo em que deixa lugar para a manifestação de um gosto pessoal, impõe de algum modo, uma regra comum a todos, conforme reconhece Rebeca (55 anos): *“Todo mundo quer ter corpo de manequim. Então você veja como é uma imposição para você seguir o modelo, você deixar se moldar aos padrões. E sua subjetividade vai embora, se você gosta de vestir um vestido longo, um no joelho, se você gosta de usar mini saia, não pode porque a moda agora é outra, você é obrigada a seguir”*.

2.2. Regras de Etiquetas

Outro importante objeto de consumo do mercado estético são os manuais de etiquetas. Eles se propõem a ensinar como o indivíduo deve se apresentar em público, saber se vestir, fazer as combinações que acima de tudo são considerados a marca de distinção indispensável para aqueles que se identificam com certos signos de status.

Neste sentido, Norbert Elias (1994) chama a atenção para o aparecimento de determinadas condutas humanas, assim como o desaparecimento de outras, que vão se classificar de acordo com as regras impostas por cada grupo, confirmando assim as relações entre as pessoas. Condição de fundamental importância para que estrutura social se perpetue. Neste caso, a cultura intervém a todo o momento sobre a natureza, domesticando e modelando os instintos do homem através de regras, que entre elas estão as de etiqueta³⁶.

Partindo de uma outra perspectiva de análise, Pierre Bourdieu no conhecido livro *La Distinction. Critique sociale du jugement*, procura analisar com muita argúcia padrões de gostos de uma classe social privilegiada e estilos de vida, enfim, chamando a atenção para a importância da apropriação e incorporação de determinados signos distintivos como marca do reconhecimento e prestígio social.

Os cursos de etiqueta se propõem a fornecer os princípios básicos das “boas regras” para sociabilidade e performance dos indivíduos. Em geral, o público alvo é constituído de pessoas de classe média alta, as quais procuram exercitar de forma refinada modos e maneiras como marca de distinção³⁷.

O bom desempenho em relação aos códigos e regras é condição básica para o reconhecimento social, como costumam referir algumas das mulheres pesquisadas: *“(...) embora tivesse tido uma educação bastante refinada, pois minha mãe era bastante exigente com mínimos detalhes do vestir, da mesa, do hábitos em geral, procurei um curso pois senti necessidade de me atualizar com determinados códigos de se comportar em público, inclusive com a postura corporal”*.

É comum também se encontrar em revistas depoimentos de consultora de modas opinando sobre as maneiras como se comportar em diversos ambientes públicos e privados e no cotidiano, isto é, como atender ao telefone, escovar os dentes, cortar o pão, levar a xícara de café à boca, sentar-se, levantar-se, pegar a sacola de cima do sofá, enfim, todos os gestos mais prosaicos, o mais cuidadosamente possível.

Nesse gênero de conselhos de etiqueta o corpo também ocupa um lugar bastante significativo, especialmente no que diz respeito a postura corporal,

³⁶ Ver: Nobert Elias, “O Processo Civilizador”, Vol. I, Rio de Janeiro, Zahar, 1994.

³⁷ Tais cursos são também bastante utilizados por um público oriundo de camada média, como estratégia de assimilação de regras e de códigos de status para mobilidade social. É o que comprova o grande número de publicações sobre o assunto.

conforme se pode observar nesse depoimento: *“(...) a gente não se dá conta da imensidão dos erros do corpo. Da mão que parece meio fora do controle e nunca sabe onde se colocar, ou está sempre roubando o espaço alheio, do braço que esbarra em tudo, e é rápido demais, ou flácido, sem alegria”*.

É interessante se observar a importância atribuída a “imensidão dos erros do corpo”. O que isso passou a ocupar na vida cotidiana de cada indivíduo que, de maneira rígida, ou até condicionada procura controlar qualquer passo por ele executado, como se o indivíduo precisasse está o tempo inteiro atento as regras de domesticação corporais.

Os códigos de etiqueta são cultuados e valorizados por uma camada social economicamente privilegiada que pretende firmar sua diferença em relação à maioria da população. Quando procurei algumas das mulheres com quem realizei a pesquisa, algumas vezes tive a impressão de que sempre havia uma preocupação exagerada por parte delas em relação ao que eu iria perguntar e como eu iria percebê-las.

Sempre estavam impecavelmente bem vestidas como se esperassem uma visita importante. Em ocasiões diferentes, alguma delas transmitiam uma gestualidade artificial, cuidadosamente teatralizada, guiadas sempre pelo cuidado de manipular alguns códigos de distinção de classe, fazendo-as se portarem comedidamente com as mãos, com o sentar e o cruzar das pernas, etc.

O exemplo mais comum é a cobrança da boa postura corporal. Uma das mulheres com quem convivi durante o trabalho de pesquisa, chegou a verbalizar o desconforto de ter sido obrigada na sua infância a domesticar sua postura “desleixada”: *“Minha mãe me colocou no balé, pois dizia que isto me corrigiria, senão futuramente eu teria problemas graves na coluna, e também porque as pessoas iam achar que eu era relaxada. Acho que essa era a sua principal preocupação, pois ela sempre teve uma postura elegante, e eu a envergonharia nos locais públicos”*.

2.3. Revistas

Atualmente as revistas são importantes meios publicitários que fazem parte de um comércio bastante rentável, por meio do qual homens e mulheres recorrem com algumas finalidades, entre elas, a estética e a saúde.

A expansão da alfabetização e a conseqüente inserção da mulher no mercado de trabalho trouxeram um considerável aumento no consumo deste veículo de comunicação de massa, que precisou sempre acompanhar os avanços sociais de cada época para não perder de vista suas consumidoras.

Observar uma revista de moda é uma tarefa bastante difícil, na medida em que as pessoas que pousam para as fotos sempre estão “impecáveis”, do ponto de vista estético, como se ali o tempo congelasse a imagem. Veículo publicitário “poderosos”, instrumentos de certa forma ambíguos, capazes de

proporcionarem ao mesmo tempo lazer, prazer e ansiedade. As mensagens trazem implicitamente a idéia da “meritocracia”, com conselhos e “fórmulas mágicas”:

Tenha o corpo que merece!

Não se tem um corpo maravilhoso sem esforço!

Tire o melhor partido dos seus atributos naturais.

Dessa maneira cada um sente a dura responsabilidade, extremamente individualista, pela forma do corpo e pelo seu envelhecimento:

Você pode moldar totalmente seu corpo!

Suas rugas estão agora sob o seu controle.

O poder de sedução das mensagens que são veiculadas é imenso. Geralmente agregada a elas vem alguma foto que ilustra a “magia” do anúncio. As fotografias são retocadas quantas vezes forem necessárias, até que a imagem fique “perfeita”, conforme colocou Wolf (1982):

“Nos nossos dias, os leitores não fazem idéia da verdadeira aparência de um rosto de uma mulher de 60 anos na imprensa porque ele é retocado para aparentar 45”.³⁸

A leitora muitas vezes se olha no espelho e se compara ao que está estampado na foto. Por toda parte e a todo instante as mulheres se deparam com lindos rostinhos e corpinhos “sarados” que são utilizados pela publicidade para venda de seus produtos, como observa uma das minhas interlocutoras: *“Quem já viu Ana Paula Arósio fazer propagandas para venda de um cosmético para a pele? A gente sabe que a pele dela é de uma pessoa jovem, não tem rugas. Eu acho que deveriam ter colocado alguém mais velha, mais marcada pelo tempo”*.

As mulheres com quem tive contato durante a pesquisa fazem parte do universo leitor de algumas revistas como **Caras, Quem, Claudia, Boa Forma, Marie Claire**, entre outras, conforme declara Julia (30 anos): *“Leio essas revistas de moda, adoro especialmente a Caras, pois me identifico com os socialites e artistas. Adoro acompanhar as notícias, com quem eles namoram, o que eles vestem, o que eles fazem. Isto é importante para mim, pois me ajuda na hora de escolher o que vestir na noite. Sei que parece uma futilidade, mas não me importo, todos falam, criticam, dizem que é cultura inútil, mas todos lêem, ninguém resiste às fofocas. Eu particularmente adoro, pode dizer que sou uma Patricinha, mas eu não ligo”*.

³⁸ Ver: Naomi Wolf, “O Mito da Beleza”, Rio de Janeiro, Rocco, 1992, pp.108.

Atualmente, revistas do gênero evidenciam o consumo de alimentos dietéticos, cosméticos e cremes contra o envelhecimento ao invés de produtos para o lar, como era veiculado há algumas décadas atrás³⁹. Trazem também assuntos relacionados à vida de pessoas famosas, como se cuidam, o que vestem, o que comem, entre outras bisbilhotices ligadas às suas rotinas. Nas fotos, percebe-se que estão sempre sorrindo, como se estivessem a todo o momento de “bem com a vida”.

Os modelos que pousam para os anúncios são, na sua grande maioria, jovens magérrimas de cor clara⁴⁰. É raro se encontrar modelos negros, assim como pessoas mais velhas ou até de meia idade que, quando aparecem, geralmente é para algum anúncio de creme contra envelhecimento. A mesma rejeição se aplica a pessoas gordas, a menos quando estas são veiculadas em publicidade de produtos dietéticos.

Camila (32 anos), outra interlocutora, é uma mulher que também consome compulsivamente revistas de moda. Acha importante, pois a deixa atualizada sobre o que os artistas fazem para manter a forma do corpo. Ao ser indagada sobre o desgaste natural do tempo que repercute na imagem, responde sem hesitar que a sua maior preocupação é com o presente, pois não sabe o que poderá acontecer depois.

³⁹ Vale salientar que os valores e modelos de feminilidade foram se modificando com o tempo, e assim tomando o lugar da dona de casa, “da Amélia”.

⁴⁰ Segundo Wolf (1992), o peso das modelos de moda desceu para 23% abaixo do peso das mulheres normais.

Agora é o momento para se cuidar, é a idade das conquistas e realizações, para ela as suas maiores aspirações: *“Você acha que eu, uma profissional bem sucedida, posso está com a aparência feia? Eu sou nova, moro em casa de meus país, não preciso sustentar família, não tenho filho, posso então me cuidar, gastar com minhas vaidades e adoro fazer isto. Gosto de comprar uma roupa cara para ir a uma festa, depois penduro no closet, e até um biquíni de marca para ir à praia e exibir aos meus amigos. Isto pode parecer futilidade para os outros, não importa! Me dou o direito de aproveitar ainda a minha juventude de forma plena”*.

Outro aspecto que foi ressaltado com relação a esse tipo de revista, foi a “leveza” das matérias, quando comparadas a outras que enfocam aspectos de realidade brasileira, como pobreza, violência, corrupção, etc. Tal reação negativa é evidenciada em diferentes observações do grupo de mulheres pesquisado:

“Outro dia eu fui a um médico e eu estava na sala de espera. Só tinha revista de moda para se ler. Li várias reportagens e o tempo passou tão rápido que não me dei conta da minha espera. Gostei daquilo, pois a gente ta tão acostumado a vê tragédias o tempo todo. É guerra, assassinato, morte, isto já não atrai mais, pois já cansou. Ler banalidades às vezes é até uma terapia, um tipo de descanso. Eu até fiz uma assinatura de ‘Quem’ para o meu consultório, para que os clientes leiam antes das sessões. Ninguém reclamou até agora. Eu aproveito para ler em casa quando saio do trabalho”.

Rebeca (55 anos), apesar de preferir um tipo de revista mais crítica e informativa, admite que é leitora de algumas das que foram citadas, pois servem como meio de amenizar o cansaço do cotidiano, além se divertir como as “fofocas” do mundo da moda, conforme é enfatizado: *“Necessito uma vez ou outra me interar desse mundo de frivolidades, pois afinal nunca negligenciei minha forma física, nem os cuidados com o vestir...”*.

Mesmo sabendo que o anunciante é quem vai criar a mensagem com o interesse de vender o seu produto, dizendo o que esta mulher deve usar, como deve se pentear, se maquiar, o que comer, etc, percebe-se que as mensagens veiculadas nas revistas, mesmo sendo banalizadas, representam, de alguma forma, a cultura na qual estas mulheres estão inseridas, sendo isso um fator extremamente determinante para a expansão e circulação desses produtos e serviços ligados essencialmente a aparência estética da mulher.

2.4. Multimeios

Diferentemente da revista, a tela é um importante veículo virtual que possui movimento, fala, tornando-se “mais atrativo”, na medida em que interage com um terceiro, que é o espectador.

Segundo Pierre Lévy (1996), o termo virtual vem do latim *virtualis*, derivado de *virtus*, que significa potência, força, é comumente empregado para falar de ausência, de existência, na medida em que o real seria da ordem do

tenho e o virtual, da ordem de terás ou da ilusão. Segundo as palavras do autor:

“Os operadores mais desterritorializados, mais desativados de um enraizamento espaço-temporal preciso, os coletivos mais virtualizados e virtualizantes do mundo contemporâneo são os da tecnociência, das finanças e dos meios de comunicação. São também os que estruturam a realidade social com mais força e até com mais violência”.⁴¹

Com todo o fascínio das imagens, que estão cada vez mais coloridas, devido ao grau avançado de tecnologia, a televisão democratizou-se de tal forma que no Brasil e, especificamente em Recife, ela é o meio de comunicação de massa mais difundido, estando presente nos lares de pessoas de diferentes classes sociais, desde as mais simples, até as mais abastadas.

O espectador, encantado com o que assiste, parece se hipnotizar perante o que se passa diante dos seus olhos, deixando-se, sem se dar conta, manipular por todo aquele mundo de imagens, que apesar de ficcional, confunde-se com a própria realidade. Assim, é muito significativo o poder que circula nesta dinâmica entre telespectador, câmera e imagem, na medida em que quando algo é transmitido se estabelece um jogo intencional e interacional fazendo com que aquilo seja absorvido imediatamente sem que haja uma maior reflexão.

⁴¹ Ver: Pierre Lévy, “O Que é o Virtual?”, São Paulo, Editora 34, 1996, pp. 21.

Sabe-se que antes do aparecimento da TV, o cinema já existia e nesta época algumas pessoas da chamada “alta sociedade”, segundo o depoimento de um colunista social já citado, imitavam os atores e atrizes famosos da época. Para ele, Brigitte Bardot era um símbolo de beleza que chamava a atenção pela sua naturalidade: *“(...) e você via que as que mais mostravam o corpo eram as que estavam na onda... essas atrizes apareciam não mostrando todo o corpo, mas as pernas, que eram belíssimas. Brigitte Bardot fez um filme que aparecia com aqueles vestidos transparentes e depois aparecia vestida de homem, como travesti. Ela botava até uma cartola, paletó, depois soltava o cabelo, com as sobrancelhas bem finas, ela era uma mulher muito bonita, em termos de rosto, era uma das mais belas do mundo... Então assim do passado foram essas belezas femininas... Outra foi Catherine Deneuve, ela era muito magra, muito esguia, mas tinha um rosto muito expressivo, mas todas elas eram mais naturais... Elas tinham seios grandes, mas você notava que os seios eram delas, isso até a década de cinqüenta. Até mesmo Marilyn Moore, que chegou a mostrar as suas curvas, pousando nua, passava uma impressão de uma beleza mais singela e natural”.*

Com o advento da televisão, um outro modelo de mulher iria predominar nas telas. Na década de 50 e início de 60, a TV brasileira ainda era ainda bastante incipiente. Época do regime militar, repressão, período de muitas censuras, o que certamente interferiu no conteúdo das imagens veiculadas. Foi sobretudo a partir dos anos 80, com a “liberdade de expressão” e o

investimento na comunicação de massa que a televisão brasileira parece ter assumido uma “nova identidade”.

Atualmente, entretanto, a mulher que aparece na mídia corresponde a uma imagem mais esbelta. O atributo principal é o físico impecável, sempre passível de cuidados e eventuais remodelagens para mascarar as marcas do tempo.

A pioneira e adepta desta prática foi a conhecida apresentadora de TV, Hebe Camargo, que atualmente tem 50 anos de televisão, e já atingiu a casa dos setenta. Influenciadas pelo efeito da mídia, muitas foram as mulheres que passaram a imitar o estilo Hebe: suas roupas, seus cabelos, maquiagem, etc. Depois, foram surgindo outras que também serviram de exemplo, com uma estética mais despojada e jovial, porém, com intervenções de reparos cirúrgicos no corpo.

Além disso, há um tipo de padrão homogêneo que circula nas telas: modelos, estereótipos que encarnam personagens de jornais, telenovelas, programas de tv, filmes, etc, conforme observa Priscila (35 anos): *“(...) hoje em dia tudo é ser loira: apresentadora, dançarinas, atrizes, modelos... 90% de loiras, e todas são falsificadas e todas com silicone... quer dizer, aquilo vem do exterior e é caro. E então você olha pra elas e estão com os seios enormes, mocinhas magras e os seios desse tamanho. Desproporcional, não tem mais essa de proporcional, tem silicone em tudo, isso, são mulheres fabricadas”. Isso mexe com a espontaneidade da pessoa. Você vê em televisão mesmo tem*

aquela atriz que não consegue fechar os olhos. A Tânia Carreiro está horrível”.

Ainda que algumas das mulheres pesquisadas reajam de forma crítica em relação à “tirania estética” imposta pelo mercado, contudo, não deixam de se seduzirem pela força da mídia em relação ao apelo do corpo sempre esbelto e jovem. É o caso de Joana (45 anos):

“Tudo é estereótipo, você tem que ser como a top da Globo, tudo igual, até a moda. Você anda e vê as meninas do mesmo jeito, aquele brinquinho no umbigo, vê tudo igual, que eu acho um horror porque você não cria nada. Perde a espontaneidade, todo mundo com as mesmas coisas. As pessoas não têm um pingão de noção de diferença, preferem seguir a moda à risca e, às vezes, deixam até de ser felizes porque nem todo mundo, por exemplo, pode ser magérrima... O que é bonito então? Todo mundo coloca silicone. Há um preconceito em cima de quem não está dentro dos padrões. Com certeza, você não tem direito a ser feliz se você é gorda, se você é magra demais, você tem que estar dentro do padrão e se não se encaixar é um horror!... E o pior é que isso faz a cabeça dos mais jovens, até dos adultos. É aquela coisa, tem que ser do tipo daquela loira, como é o nome? Feiticeira. Você vê a televisão, entra em dose máxima na casa da gente e todo mundo quer ser igual a Feiticeira”.

Muita crítica recai também sobre o excesso de erotismo corporal atualmente presente na mídia, que parece ter abolido a censura e vigilância do pudor infantil. Programas infantis mostram imagens de crianças que imitam a

sensualidade de danças adultas, altamente provocantes⁴², conforme reage Tânia (52 anos): *“Acho que a mulher se vulgarizou muito, tudo está escraxado. É a bunda, o peito e até a xoxota. Não acredito que isso seja uma coisa positiva, principalmente para jovens e adolescentes que estão ainda em fase de crescimento. Acho que a nudez pode ser uma coisa bonita, mas não desse jeito, tem que haver um mistério, um segredo. Hoje, tudo é visto, perde a graça”*.

Diante desta nova demanda tecnologizante existe também toda uma estratégia de marketing em torno dos padrões de beleza e auto-estima que se confundem cada vez mais com a saúde e a magreza. Observa-se que nas peças publicitárias o uso freqüente de imagens que supervalorizam a magreza enquanto condição *sine qua non* de beleza e de elegância⁴³.

Deste modo, o corpo vem se tornando um objeto ameaçador que é preciso vigiá-lo a todo momento, principalmente numa “sociedade de abundância”. A beleza tem seu preço, que muitas vezes incide em estados patológicos, como a anorexia⁴⁴. Esse ideal estético é visto por Baudrillard

⁴² Tal comportamento tem gerado críticas, por parte de especialistas, que vêem neste tipo de conduta, um grande incentivo ao aumento de determinados comportamentos “perversos”, como é o caso da pedofilia, ou do estupro.

⁴³ Alguns autores falam que há por trás da magreza vários significados simbólicos, como a reconstrução do papel da mulher no mundo, onde a magreza funciona como a afirmação do seu lugar na esfera pública e superação da domesticidade. Além disso, o medo de engordar é, para este autor, mais um controle social exercido na figura da mulher numa cultura predominantemente dominada pelo patriarcado.

⁴⁴ Uma reportagem da Revista Veja (17/12/97. pp. 16) traz: “(...) A universidade de Harvard tem identificado um aumento do casos de anorexia, doença discriminada por especialistas como aquela em que a pessoa pára de comer por se achar gorda demais, além de outra patologia, a bulimia, que é conceituada como um apetite insaciável que faz a pessoa comer demasiadamente e repetidamente. Essa insatisfação com o corpo leva a iniciativas drásticas como as mais variadas dietas, o consumo de medicamentos e álcool. É importante destacar

como uma nova forma de violência e de sacrifício para com o próprio corpo⁴⁵.

Uma das tônicas da publicidade é o uso abusivo da oposição Magreza/Gordura, uma das características da cultura de consumo predominantes nas sociedades contemporâneas. A ambigüidade é em geral tratada nos seguintes termos: consumir tudo e ao mesmo tempo manter uma postura de controle, disciplina e autodeterminação para se obter o “corpo ideal”, gerando novas demandas e exigências para os indivíduos.

Nas entrevistas e observações ao longo do trabalho de campo, me deparei freqüentemente com tais oposições. Algumas das mulheres como quem convivi, lutavam contra a gordura e ao mesmo tempo se deixavam tentar pela sedução do consumo gastronômico, gerando a ambivalência entre manter a “boa forma” e o “prazer da boca”, conforme verbaliza Liliane (32 anos): *“É uma tortura freqüentar o shopping e ir a praça da alimentação, pois ali encontro as mais variadas espécies de guloseimas que me deixava tentada a consumi-las”*.

Modelos virtuais também refletem a preocupação como o corpo malhado. Criadas pelo computador, esses personagens são capazes de “conversar” e de se exibirem para os internautas. A criatura virtual de nome Sete⁴⁶, por exemplo tem 21 anos, é paulistana e mora com uma amiga. Outra

que estes distúrbios são bem maiores em mulheres, sendo apenas 5 a 10 % em homens”.

⁴⁵ A esse respeito vê: Jean Baudrillard, “A Sociedade de Consumo”, Portugal, Edições 70, 1995.

⁴⁶ A esse respeito consultar o Site: www.setezoom.com.br

modelo virtual é chamada Tara⁴⁷, que apesar de não conversar, pratica cenas de lesbianismo e de orgias. Assim diz o anúncio: “*As vantagens dessas novas modelos é que elas poderão estar em vários lugares ao mesmo tempo lançando produtos, não precisam de carros para deslocamento, estão sempre de bom humor e não faltam aos ensaios*”.⁴⁸

Outro tipo de propaganda bastante difundida pela internet é a divulgação de pessoas famosas e o que elas fazem para se manterem sempre impecavelmente belas: “*Veja o que os famosos fazem para manter a forma, fugir do estresse e estar de bem com a vida*”. Além disso, dão endereços das clínicas que tais pessoas freqüentam⁴⁹.

Diante desta demanda, atualmente é cada vez maior o número de pessoas de poder aquisitivo elevado, que procuram serviços especializados no trato e cuidados com a aparência corporal, com o objetivo de atingir estes padrões veiculados na mídia. São inúmeros os locais destinados a estas práticas de forma que a estética passou, para certas mulheres, a se constituir mais um hábito ou estilo de vida do que propriamente uma eventual necessidade. Os preços dos serviços oferecidos são ditos “acessíveis”, porém na prática, percebe-se que são exclusivos a uma minoria que dispõe de recursos financeiros.

⁴⁷ A esse respeito consultar o Site: www.cidadeinternet.com.br

⁴⁸ A esse respeito consultar o site:

http://www.corpobelo.com.br/scripts/beleza_corpo/destaque0106.asp

⁴⁹ A esse respeito consultar o site:

http://plasticaebeleza.terra.com.br/25/beleza/estetica_famosos.htm

CAPÍTULO 3

REMODELAGENS

“No esforço para parecermos mais naturais, arrebitamos nosso nariz, alongamos os lóbulos das orelhas ou o pescoço, tatuamos nossa pele, amarramos nossos pés, pintamos cabelos, lipoaspiramos as gorduras de nossas coxas e alteramos nosso corpo de outras inúmeras maneiras...”.

Durante o trabalho de campo me defrontei com assuntos tabus, polêmicos, que outrora talvez nem sequer fossem tocados por não fazerem parte do mundo de desejos, fantasias e expectativas das mulheres. Como por exemplo: o fato de alguma delas possuírem uma aparência considerada “bonita” e “saudável” passar a ser sinônimo de remexer, modelar ou remodelar

partes do corpo, independentemente de qualquer sacrifício⁵⁰.

Sabe-se que no Brasil, pela própria cultura dos trópicos, há uma ênfase cada vez mais exagerada sobre o corpo, reforçando, sobretudo, o mito das belas “formas estéticas” e da sensualidade feminina representado através de diferentes musas conhecidas internacionalmente, como por exemplo, a figura emblemática da Garota de Ipanema, cantada e decantada pelo poeta e compositor Vinícius de Moraes.

A questão é que o conceito de beleza, saúde e corpo parecem está se modificando neste país tropical. Nestes últimos tempos, o nosso povo foi o que mais fez plástica no mundo, ultrapassando os Estados Unidos, tradicionais líderes no ranking⁵¹. Na opinião dos profissionais, esta procura tão grande se dá principalmente pelo medo do envelhecimento, o que não é tão forte em outros países, como no caso dos EUA. Além disso, os médicos são unânimes na opinião de que os brasileiros se preocupam bem menos com os riscos do que outros povos.

Desde 1994, quando entrou em cena o Plano Real, que estabilizou a economia e ampliou o poder de consumo, fazer plástica passou a integrar o rol das aspirações possíveis da classe média.

⁵⁰ Segundo uma reportagem exibida no Diário de Pernambuco no dia 29 de Julho de 2001, os homens também estão em busca de remodelarem os seus corpos, o que tem aumentado consideravelmente a demanda de cirurgias estéticas por parte do sexo masculino.

Um outro dado importante são os custos das intervenções médicas que estão sendo consideradas cada vez mais baratas, o que fez com que as pessoas procurassem os métodos mais rápidos, que passaram a se banalizar, como se escolher um corpo novo fosse o mesmo que comprar uma roupa:

Alerta, alerta: Corpos à Venda! Aproveitem as ofertas.

“Formas Perfeitas ao alcance de Todos”.

“Tenha um Corpo Irresistível”.

Frases como estas viraram assuntos popularizados, estampados em meios de comunicação de massa veiculados por todo Brasil, o que indica uma popularização das operações estéticas no país. Em uma reportagem, de 09 de Abril de 2001, na Revista Época, a matéria de destaque era intitulada *A Reconstituição do Corpo: Técnicas Arrojadadas Permitem o Encontro das Formas Perfeitas*. Tal matéria trazia na capa a Miss Brasil 2001, Juliana Borges, que ganhou um concurso e ficou famosa pela quantidade de cirurgias plásticas que realizou para tal evento: *“O que levaria uma linda mulher de 22 anos, 1,80 metro de altura, 58 quilos, olhos verdes, sorriso perfeito e, acima de tudo, curvas bem torneadas a enfrentar 19 cirurgias?”* (pergunta do jornalista que elaborou a matéria). São avassaladoras as ofertas de intervenções cirúrgicas e

⁵¹ As referências são relativas às cirurgias de natureza estética e não de natureza reparadora necessárias por acidentes ou por defeitos congênitos. (Matéria da Revista Veja, dia 17 de

cada vez mais os procedimentos médicos estão mais precisos, fazendo desaparecer defeitos graves ou eliminando imperfeições, conforme constata a referida matéria. *“Uma ínfima parcela da maratona cirúrgica enfrentada por Juliana teria dado o cetro de Miss Universo à baiana Martha Rocha, derrotada no concurso de 1954 por causa das famigeradas 2 polegadas a mais”.*

Como se pode perceber, um corpo novo e perfeito é prometido não havendo limites para as mudanças. Os dados apontam para um número cada vez maior de pessoas que se submetem a procedimentos cirúrgicos de natureza estética, comprovando a existência de uma intensa insatisfação diante das características físicas naturais e uma busca acirrada por artificialismos exagerados.

Profissionais advertem um novo tipo de patologia centrada na imagem que é a “Síndrome do Espelho”, caracterizada pela preocupação excessiva com a imagem que faz com que as pessoas se olhem a todo o instante em superfícies espelhadas, vidros de carro, buscando problemas físicos que não possuem.

O conhecido cirurgião plástico Ivo Pitangy foi um dos primeiros a identificar mulheres que sofrem de **Morfofobia**, ou seja, fobia da própria forma. Isto tem feito com que pessoas aparentemente bonitas procurem o cirurgião plástico para reformar algo que um bisturi não pode resolver: a imagem interna. Segundo a opinião de médicos experientes no assunto, 15% a 17% das

mulheres que procuram um cirurgião são orientadas a consultar um psicanalista⁵².

Mexer no corpo está cada vez mais possível e na “moda”. Os artistas fazem questão de divulgar as suas próprias intervenções cirúrgicas. Muitas vezes até para promover o cirurgião. Algumas pessoas passaram por transformações radicais de suas imagens. O primeiro artista que de fato entrou numa verdadeira metamorfose foi Michael Jackson, que na época chocou o público com o resultado das operações plásticas que lhe mudaram não apenas os traços faciais como também a cor da pele.

Este fenômeno parece está cada vez mais banalizado de tal maneira que um certo programa de TV mostrou no dia 21 de Julho de 2001, um brasileiro que já se submeteu a inúmeras intervenções cirúrgicas com a intenção de se parecer ao máximo com Michael Jackson. Outro exemplo, que as pessoas comentam bastante, é a mutação da dançarina Carla Perez, que também foi alvo de comentários pelo número exagerado de cirurgias a que se submeteu.

Um estudo realizado no Hospital das Clínicas de São Paulo mostrou que a busca por um ideal estético inatingível e pela eterna juventude, assumiu proporções jamais vistas no Brasil. Constatou-se que 80% das mulheres entre 18 e 39 anos têm o costume de se comparar a modelos e atrizes, pedindo ao cirurgião para ficar com “o nariz de Nicole Kidman”, “os seios de Gisele

⁵² Reportagem exibida no Jornal do Commercio, no dia 29 de Julho de 2001.

Bündchen” ou a “boca de Júlia Roberts”.

Os resultados dessas novas formas de relação da mulher com o seu próprio corpo estão levando algumas pessoas a se submeterem a intervenções estéticas como, por exemplo, sessões de botox simplesmente para irem a uma festa ou a uma importante reunião de negócios⁵³.

Em matéria recente do Diário de Pernambuco no dia 4 de Março de 2002, foi destacado o fato de consultórios brasileiros promoverem festas para a aplicação coletiva de botox que é chamado de “A versão 2000 do viagra”. As pessoas convidadas para este tipo de festa carregam o seu tubinho de toxina botulínica que injetam na testa e sobrancelhas, apagando as rugas. O procedimento acontece entre champanhes e canapés.

Apesar deste procedimento ainda não ser comum no Brasil, os médicos colocam que a procura aumentou em 40% e há o receio de que a técnica se banalize, passando a ser aplicada em clínicas de estéticas e salões de beleza⁵⁴.

Joana (45 anos), se diz favorável quanto ao uso dessa técnica, acreditando que as pessoas devem mexer em seus corpos se desejarem,

⁵³ Conhecido como “picada rejuvenescedora”, o Botox é uma substância feita a partir da toxina botulínica, causadora do botulismo e empregado para atenuar rugas faciais.

⁵⁴ Segundo um estudo desenvolvido na Universidade de Manchester, no Reino Unido, as pessoas com rosto liso têm chances maiores de desenvolver câncer de pele do que as que possuem rugas. Os pesquisadores descobriram que pessoas com rugas relativamente profundas tinham 90% menos de chances de desenvolver o carcinoma basal, o tipo mais

porém não vê isso como “o segredo de sucesso”, ou “o caminho da felicidade”, como comumente se acredita.

Acha que as mulheres estão em busca de transformarem os seus corpos principalmente por conta do forte preconceito existente com quem está fora dos padrões estéticos. Justifica isto, pois no seu caso, sentiu o peso dos estigmas associados à gordura, o que a fez sofrer bastante desde a juventude.

Para ela, a aparência é muito importante, pois funciona como uma espécie de “cartão de visita”, sendo por meio dele que as pessoas se aproximam. A informante sente tal cobrança social no meio em que trabalha (a academia de ginástica) onde a preocupação das pessoas passou a ser “uma ou duas celulites”: *“Eu não sou contra de jeito nenhum a cirurgia plástica, implante de silicone, eu só não gosto da coisa de ter que fazer, mas eu sou a favor de tudo que aumente a sua auto estima, faça você se gostar mais, não pra agradar os outros: agradar primeiro a gente. Em suma, quando tiver no momento irei dar uma recauchutada legal”*.

Para Rebeca (55 anos), o corpo é alvo de uma economia rentável, sendo constantemente cultuado. Na sua opinião, isto tem gerado muita dificuldade para aquelas pessoas que não conseguem atingir um padrão estético socialmente perseguido, ocasionando distúrbios patológicos como é o caso da anorexia e da bulimia. Conviver com a gordura foi muito duro, como

comum de câncer de pele. A esse respeito consultar o site: <http://www.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u4013.shtml>

comenta: *“Pois a sociedade exige que você seja magra, então todas as lojas fabricam roupas para aquele biótipo, as que são para gordos, além de caras, são ultrapassadas e caretas. Isto faz com que as pessoas procurem mexer em seus corpos”*.

Remodelam o corpo, muitas vezes, por uma bobagem, com medo de chegar a um corpo socialmente não desejável: *“Pessoas que não admitem a velhice, a gordurinha a mais, não admitem a gordurinha a menos, então é a cabeça totalmente voltada para a questão do corpo”*.

Liliane (32 anos), por sua vez, acha que a mulher deve recorrer ao que for possível para se sentir bem com o seu corpo, com a sua beleza. Em sua experiência no SPA, ela fala sobre o preconceito social relativo à gordura, que leva muitas vezes a pessoa a optar por sacrifícios em prol da magreza.

Confessa ter mudado completamente o seu estilo de vida após o seu emagrecimento: *“Passei a gostar mais de mim. Hoje já consigo me olhar no espelho, coisa que antes eu tinha medo, vergonha, sei lá. Já coloco biquíni, e as pessoas me olham na rua, sei que sou desejada, e estou feliz”*.

Para ela, não está dentro dos padrões socialmente aceitos implica principalmente em solidão, pois está convencida de que as pessoas não se aproximam de quem não é bonita, mesmo que essa seja inteligente, interessante, tenha outras qualidades. Assim diz convicta que seu objetivo é atingir a perfeição do corpo, entendida e resumida por ela como *“está*

totalmente sem barriga”.

Não se deixa seduzir por tentações, como as guloseimas, e sempre que pode faz ginástica cotidianamente, devendo no futuro talvez recorrer a algum método cirúrgico se for necessário. Assim, comenta: *“Eu acho que a busca da perfeição é uma coisa certa, existe também o lado ruim porque torna as pessoas obcecadas, eu mesmo acho que estou um pouco...”.*

A mídia é a grande responsável pela busca das mulheres remodelarem seus corpos, visto que as incentivam a buscar um modelo homogêneo de beleza e isto se inscreve com muita força no imaginário feminino, de forma que elas próprias passam a cultuar o que é imposto pelos padrões de gosto da *mass media*, sem nenhum critério racionalmente crítico e seletivo, conforme se pode depreender do comentário de Liliane (32 anos): *“Uma mulher perfeita de corpo para mim é Adriane Galisteu. Ela disse no programa dela e eu concordo com ela, que quando uma pessoa chega pra ela e fala: nossa como você está bem!, ela fica preocupada, porque ela pode estar gorda. Ela só fica feliz quando as pessoas falam, nossa como você está magra! Eu acho que é por aí, as modelos todas têm o peso abaixo do normal, e é isso que eu quero”*

Por conta da sua vaidade, Tânia (52 anos), outra interlocutora, sempre deu importância ao seu corpo, cuidando do mesmo com as opções que o mercado oferece: desde os cremes, as práticas de exercícios até as cirurgias plásticas. Esta preocupação iniciou-se na sua adolescência, época em que, segundo ela, não havia tanta ênfase na manutenção do corpo.

Em sua opinião, mexer no corpo é algo muito válido, desde que não se torne o único e exclusivo “objetivo de vida”. Para ela, o principal fator responsável por esta nova forma de relação da mulher com o corpo a identificação maciça que as pessoas estão tendo com os personagens televisivos e da mídia.

Tudo isto tem repercutido no tipo de vida que o ser humano atualmente tem levado. Não só o personagem da TV, mas qualquer ser humano, para ascender em qualquer espaço social, seja pessoal ou profissional, deve ser: “jovem, bonito e bem sucedido”, conforme comenta a informante:

“Vai chegar uma hora que o corpo vai ter que admitir que está velho. A gente só ouve ou vê falar do corpo jovem, sarado, aquilo que está de acordo com o momento. Que agora o corpo já não é tão magro, que era busto pequeniníssimo, todo valor era no bumbum, agora passou a dar valor aos seios, que é uma prática que é um traço do americano, então já não se vê as mulheres tão magras, e de repente muda sem levar em consideração nada, a gente fica a mercê da mídia. A própria subjetividade da pessoa né? Parece que não se tem mais a opção de se escolher o próprio corpo, mas até que ponto?”.

Para Tânia, a mulher tem possibilidades maiores de ter uma qualidade de vida melhor, pois há meios tecnológicos para isso. No entanto, a pessoa deve ter sempre em mente a sua saúde, e não só a estética como único parâmetro e valor supremo de vida. Apesar da crítica, quando não encontra

tempo para se cuidar, por conta das outras obrigações de ordem familiar, sente-se muito mal, “preguiçosa” e “relaxada”. Seu principal inimigo é a gordura, pois mesmo tendo um peso que considera adequado, está sempre buscando mantê-lo ou até perdê-lo, pois só assim sente que pode “relaxar” mais e “não ficar brigando com a balança”.

Também já fez algumas intervenções cirúrgicas de ordem estética, como plástica no rosto, nas pálpebras, que teve alguma repercussão na época, mas que no momento já não faz tanta diferença:

“É para suavizar, então eu tirei as pálpebras superiores e aqui para diminuir, foi simples com anestesia local com menos de uma semana eu estava trabalhando. Inclusive hoje tem técnica que retarda isso, essas injeções bem menos agressivas. Eu sou a favor plenamente, a não ser que seja uma coisa que mude radicalmente o rosto da pessoa”.

Julia (30 anos), outra informante, também valoriza muito a estética corporal. Para isso, consome produtos cosméticos, roupas, entre outros artifícios caros que a façam sentir-se mais “bonita, sensual e sexy”. Em sua opinião, o fato da mulher se sentir bonita, desejada, faz com que sua auto estima cresça e, naturalmente ela tenha mais sucesso em todos os aspectos de sua vida:

“Eu me baseio no que está na moda, eu tento seguir o que eu vejo nas lojas e acho que isto vai ficar bem em mim, porque a aparência é muito

importante na pessoa. Eu não gosto de me sentir mal vestida ou mal cuidada, ou feia. Não tenho vergonha de assumir minha vaidade e tenho orgulho disso, não tenho vergonha que me achem uma 'burguesinha', ou uma 'patricinha', o que importa é que eu me ache atraente”.

Júlia é adepta de que as mulheres devem “mexer” em seus corpos o quanto acharem necessário, contanto que isto não faça com que esqueçam completamente de outros valores subjetivos. Quando tiver filhos, pretende fazer uma lipoaspiração. Isto porque acredita que o corpo feminino é vulnerável a grandes transformações e um de seus fantasmas é torná-lo “indesejável”.

Para ela, remodelar o corpo é imprescindível quanto necessário for, mesmo que isso provoque risco. Assume que se deixa ser influenciada pela mídia, pois adora ler revistas do gênero e acompanhar as transformações corporais das mulheres na TV: *“Hoje que mais influenciam as pessoas é a aparência, como se o indivíduo só tivesse o direito de ser feliz e bem sucedido pudesse seguir a moda, caso contrário fracassará”.*

A beleza, como imperativo categórico, é uma tônica no discurso das mulheres com as quais convivi durante o trabalho de campo. Pude observar que a subjetividade de cada uma delas acaba absorvendo os valores compartilhados pelos meios de comunicação de massa.

Maria (42 anos) é outra interlocutora extremamente vaidosa, desde cedo sempre cuidou de sua aparência: as aulas de ballet, a ginástica, as corridas, as

caminhadas, etc. Compartilha da idéia de que a preocupação com o corpo feminino é tanta que as mulheres vão a academia como se aquilo fosse uma obrigação. Desenvolver a musculatura do corpo deixa de ser um prazer para ser um tormento: *“a mulher quer recuperar o tempo perdido, permanecer por mais tempo, reter os músculos, malhar pra ter um tempo mais longo de juventude”*.

Para ela, atualmente a mulher se sente muito pressionada na sociedade por conta das inúmeras obrigações que possui, na família ou no trabalho, e além de tudo busca está sempre “em forma”, “bonita”, para corresponder o olhar do outro, prolongando um pouco o visual da juventude, já que a feminilidade se associa à sedução e isto é uma característica do ser jovem.

Para as mulheres contempladas por esta pesquisa, o envelhecimento corporal torna-se uma espécie de fantasma, o que as leva freqüentemente a procurarem remodelar os seus corpos em função da expectativa do olhar do outro, como se fosse sempre possível resgatar no tempo o frescor dos quinze anos, conforme reconhece Maria: *“Para ficar jovem, a mulher se submete a qualquer coisa... hoje na academia eu ouvi uma senhora dizendo: ah, minha panturrilha está fina, aí o Personal Trainer da academia respondeu: não seja por isso, ponha silicone”*.

Embora Maria se deixe seduzir pela aparência e dedique boa parte de seu tempo livre aos exercício na academia, reconhece contudo um certo exagero por parte de suas amigas em relação ao culto do corpo: *“Estava*

conversando com o meu marido a propósito da filha dele que é do primeiro casamento, uma moça muito bonita, nova, de vinte e dois anos, e aí ele me contava que lá onde ele trabalha, uma jovem da mesma idade da filha teve um desmaio, porque ela já era magrinha e não comia, não se alimentava e foi diagnosticada anorexia...Na minha época eu não lembro desse tipo de doença”.

Priscila (35 anos) é mais radical em matéria de disciplina do corpo. Não corresponder aos padrões socialmente impostos, significa para ela discriminação ou simplesmente rejeição. Por isso, submeteu-se recentemente a uma lipoaspiração e a partir de então começou a perceber como a sua vida se modificou em termos de relacionamentos pessoais:

“Eu acho que a mulher pode mudar tudo, desde que ela se sinta bem. Não acho que o artificialismo seja um pecado. Pecado é você se sentir feia, então se você tem o peito pequeno e hoje tem a técnica do silicone, porque não usar? Avalia os riscos e vai. Agora! Só não crie expectativa de que o seio maior vai conquistar o mundo! Não é isso... pense que isso vai fazer bem a você mesmo e ao olhar alheio”.

Camila (31 anos), que também se submeteu a uma lipoaspiração, afirma que uma remodelagem corporal dessa natureza é muito sofrida e dolorida, mas o resultado imediato compensa qualquer sacrifício. A decisão de remodelar o corpo se deu pela insatisfação com a barriga que não cedia com dietas ou ginástica. Alguns especialistas a aconselharam que a lipoaspiração seria a

melhor maneira de resolver este problema de forma mais rápida:

“(...) eu estava tão desesperada com a minha barriga que um dia perguntei ao professor da Academia como fazer para diminuí-la, e ele me respondeu que só teria jeito se eu fizesse 1000 abdominais por dia. Imagine se eu posso perder tanto tempo assim? É demais. Eu tenho outras coisas a fazer e não posso passar tanto tempo enfurnada naquela academia, e como me falaram da eficácia da lipo, eu não hesitei”.

Kelly (30 anos) é uma outra freqüentadora das Academias, malha com freqüência e sente prazer em poder exibir publicamente um corpo torneado e bonito. Suas amigas admiram sua disciplina e persistência, porém, não conseguem manter seus corpos na mesma proporção. Laura (56 anos), por sua vez, compartilha a mesmo valor.

A sua vaidade com o corpo encontra sentido na auto-estima que, para ela, é a “chave da felicidade” e o motivo maior de sua vida. Adora ler revistas de beleza ou semelhantes, como *Caras* e *Marie Clair*, sentindo-se inclinada a aceitar a influência decisiva da mídia sobre o corpo, considerando uma espécie de controle permanente exercido na vida dos leitores, isto porque as imagens regulam o seu imaginário, impondo-lhe um ideal estético normativo: o desejo de se fazer atraente e cobiçada pelo olhar e desejo do outro. Um de seu maiores fantasmas é com os quilos a mais, sobretudo no fim de semana em que se permite a sair da dieta.

Para Márcia (31 anos), por exemplo, a gordura assumiu, durante muito tempo em sua vida, um valor extremamente negativo. Sempre pressionada pelo olhar do outro, acabou submetendo-se a uma cirurgia de estômago que mudou completamente a sua maneira de ser. Atualmente, nutre o sentimento de divisão entre dois momentos de existência: um antes e outro depois da cirurgia.

Conhecendo de perto o preconceito com a gordura, uma das coisas mais difíceis para esta interlocutora era a pressão do grupo de amigos em relação ao seu corpo, causando-lhe a impressão de que eles se incomodavam muito mais com o seu peso do que ela própria. Apesar de toda crítica referente a estes estigmas, deixa claro que lutou na busca de atingir esse padrão socialmente imposto, conforme comenta:

“O padrão do momento é o magro, branco do cabelo claro. O padrão é esse. A primeira coisa que eu fiz quando perdi 10 kg foi pintar meu cabelo de loiro, aquele loiro leve, suave, como era quando eu era novinha. E tem mais uma coisa, toda gordinha tem que usar o cabelo grande, isso eu sempre lutei. Então existem todos esses dogmas, todos esses parâmetros que a gente fica tentando derrubar. Eu sempre fui mais gorda nas costas e nos braços, e a vida inteira eu sempre ouvi, porque as costas de Márcia, porque os braços de Márcia...”

Pude observar em todos os momentos do convívio com essas mulheres

a preocupação exagerada com a aparência corpórea. Pelo fato de se conversar abertamente e de forma natural, percebe-se que tal assunto faz parte de suas preocupações cotidianas, tornando-se um momento compartilhado em casa e com os amigos, como bem deixa transparecer a fala de Laura (56 anos):

“Uns tempos atrás não havia essa liberdade, ninguém falava sobre plástica, lipo ou coisa parecida. Essa palavra nem existia. Hoje a mulher e o homem estão mais do que nunca excessivamente vaidosos. Hoje em dia os homens se cuidam mais! Os homens fazem lipo, fazem olhos. Eu tenho meus filhos aqui e um está pra fazer lipo, e eu olho assim e não vejo nada. Mas se ele acha que precisa, então tirar um pouco a barriga, que o faça...”

Foi a partir desse universo de valores voltados para o físico, isto é, a aparência, que pude efetivamente perceber o quanto o imaginário das mulheres com as quais tive contato se exprime por meio de uma ótica narcisista, que retrata não só o espírito do grupo estudado mas também por um grande percentual de pessoas de classe média alta em diferentes capitais brasileira, cuja principal preocupação é tornar o corpo um objeto de consumo a ser explorado pelo mercado estético.

Pude perceber também o quanto a imagem e representação do corpo feminino têm sido tratado por essas mulheres sob um viés individualista. Todas são freqüentadoras assíduas de espaços estéticos especializados: Academias de ginástica, SPAS e Clínicas são alguns dos locais que vêm sendo por elas

utilizados com a finalidade de remodelarem os seus corpos ou parte deles. Espaços também de sociabilidade, que se modernizam e se espalham por toda a metrópole, oferecendo o que há de última geração em tecnologia para se conseguir a imagem corporal desejada.

As mulheres com as quais tive a oportunidade de compartilhar prazerosamente algumas de suas confidências, de mergulhar momentaneamente em suas intimidades, fizeram-me revelar melhor as diferentes dinâmicas de reificação do corpo e de deslocamento da subjetividade para a atividade corpórea que resulta no efeito da aparência.

Na cultura de consumo ocidental contemporânea, o corpo feminino encontra-se freqüentemente vinculado ao simulacro de um conjunto de peças descartáveis e substituíveis a qualquer momento, contanto que produza efeito no conjunto que é a própria aparência. Alvo, portanto, de uma tecnologia extremamente desenvolvida, é remodelado a preço alto para quem dispõe não só de vontade mas sobretudo de poder aquisitivo.

A obsessão pela forma, pela “eterna jovialidade” faz do corpo hoje uma espécie objeto que a medicina, a biologia e, sem dúvida, a indústria têm investido maciçamente. Definido como uma máquina, se dissocia da condição humana, pois enquanto tal escapa do envelhecimento, da fragilidade e da morte, seus principais inimigos. Porém, diante da máquina, o homem não é mais do que fraqueza, fraqueza esta que a criatura tenta se livrar a qualquer

preço!

Há de algum tempo pra cá uma infinidade de discursos e propagandas que procuram induzir as pessoas a certas práticas corporais e a certos comportamentos em relação a seus corpos. É preciso descobrir que por trás da busca de um corpo bonito e saudável estão presentes interesses de um sistema que tem como meta o lucro.

Vive-se numa sociedade em que uns se sentem condenados a passar a vida toda lutando contra o excesso de gordura e celulite, enquanto outros empenham-se em arranjar um emprego digno, para ter onde morar e o que se alimentar. O corpo da forma como vem sendo concebido, é um objeto de produção e de consumo.

A sociedade brasileira se caracteriza pela maior discrepância existente no mundo entre os seus indicadores econômicos e sociais. Situado como a oitava potência econômica do mundo ocidental, se aproxima dos níveis dos países menos desenvolvidos da África. Cerca de 1/3 das famílias brasileiras vive em nível de miséria e cerca de ¼ em nível de pobreza (65% da população)⁵⁵. O corpo Marginal é o corpo de milhões de brasileiros que não têm acesso a bens produzidos na nossa sociedade.

OS TEMPLOS DA BELEZA

Era uma vez... Uma linda mulher que sempre foi considerada por todos como a mais bela do seu reino, dentre tantas outras que ali habitavam. Era invejada por senhoritas e desejada pelos homens das redondezas...

Mas qual seria o segredo de tanta beleza?

O que a fazia tão diferente das outras?

Mágica? Feitiço?

Perguntavam-se as donzelas...⁵⁶

3.1. Academias de Ginástica

1. O Local

Localizadas em diferentes bairros da cidade do Recife, as academias de ginástica são locais importantes para pessoas que, por algum motivo, desejem remodelar os seus corpos, manterem a forma, cuidar da saúde ou atingir um padrão de modelo corporal que corresponda às expectativas descritas no capítulo anterior, que pode ser conseguido por meio dos serviços que são oferecidos⁵⁷.

As aulas e exercícios também são freqüentemente inovados, de acordo

⁵⁵ Ver: João Medina, "O brasileiro e seu Corpo", São Paulo, Papirus, 1994.

⁵⁶ Trecho retirado de uma instituição voltada aos cuidados estéticos.

⁵⁷ Tal espaço vem assim trazendo sempre novidades para atrair sua clientela e, quanto mais completa for, terá a mensalidade mais onerosa, variando de 40 a 120 reais. Em algumas, a pessoa terá acesso ao mais tradicional, desde máquinas para a musculação até salas para aulas de aeróbica, dança, etc. Outras podem oferecer além do que foi colocado, piscina, sauna e inclusive alguns serviços estéticos, como massagens, bandagens e até salão de beleza ou mesmo bronzeamento artificial. Oferecem muitas vezes atividades diversas, como cursos de pintura, havendo em uma delas, exposições eventuais. Em geral, funcionam até a meia noite, outras já chegam a abrir 24 horas.

com o que o mercado vai incorporando de mais atual e moderno. O tipo de música também se caracteriza pela diversidade de ritmos, desde o tradicional rock americano, que ainda é bastante utilizado, até músicas nacionais que parecem atrair o público que admira tal gênero musical.

O ambiente físico é amplo e o lugar é muito descontraído, ao mesmo tempo em que as pessoas malham, brincam e se divertem bastante, dando a impressão de ser, além de um local especializado no cuidado estético, um espaço de sociabilidade, como define Laura (56 anos): *“Adoro ir para ginástica, lá encontro amigos, converso, e posso cuidar de mim. Isto é muito bom, pois não me sinto bem quando falto e as pessoas sentem a minha falta, assim crio um vínculo, um círculo de amizades”*.

As Academias passaram também a serem lugares em que seus frequentadores compartilham eventos do cotidiano, como a comemoração de aniversários, como foi o caso de Cíntia (40 anos): *“Fui pega de surpresa, não esperava que as pessoas fizessem isso. Trouxeram bolo, salgadinhos e cantaram parabéns... Estou muito feliz por terem lembrado do meu aniversário”*.

Muitas vezes passa a fazer parte do cotidiano daquelas pessoas, como uma espécie de segunda casa. Foi Beatriz (45 anos), professora da academia e administradora do local, uma das primeiras a me introduzir neste universo.

A interlocutora procura associar o exercício físico à saúde. Não vê sentido em se mexer no corpo com cirurgias ou outras intervenções, já que para ela é importante que a mulher aceite as suas limitações naturais de acordo com a sua idade. Ser vaidosa, lembra: *“não implica em estar o tempo todo retocando algum defeito, seja pelo meio que for. Ser vaidosa é a pessoa está bem com ela mesma”*.

2. Lugar de Sociabilidade

Como se pode observar, trata-se também de um lugar de encontros. Isto porque grande parte de seus freqüentadores vai ali não só com o objetivo de trabalhar seu físico, mas também em busca de companhia, para se sentir acolhido por pessoas que compartilham de alguns dos seus interesses, como ressaltou Davi, professor de musculação:

“Algumas senhoras que vêm aqui, vêm também com o intuito de fazer novas amizades... Elas vêm fazer um pouquinho de exercício. Às vezes, elas passam um tempão na academia, 50% do tempo elas passam aqui, quer dizer, 30% do tempo fazem atividades físicas. O resto é conversando...”

Durante minha observação participante, quando me encontrava em plena atividade de ginástica pude observar e, em seguida, constatar com os professores que as mulheres que se encontram na faixa etária de 50 a 60 anos costumam vir pela manhã, logo cedo. À tarde é mais freqüentada por um público jovem que, freqüentemente ficam se paquerando e se olhando através

do espelho.

Esse tipo de prática passou a ser bastante comum nas Academias, conforme observa Laura (56 anos): *“(...) aqui já rolou até namoros entre os clientes, pois marcam encontros para a noite e ai... você sabe... Eu não tive ainda esta sorte, mas quem sabe? Eu não morri, por isso gosto de olhar para quem está com um corpo sarado, malhado, até é prazeroso de se vê mesmo uma mulher bonita, pois isto nos motiva a querer ficar feito ela. É muito bonito uma perna bem torneada, uma barriga batida, isto antes de tudo é saúde...”*.

3. O tipo de Público

O público que frequenta tais espaços, na sua maioria, é oriundo de camadas média e média alta. Em todas as Academias que visitei, pude observar também que sempre havia um número de mulheres bem maior do que de homens, que parecem ficar mais reservados à prática da musculação. Isto me inquietou, e pude perceber o quanto a idéia de cuidado com o corpo é ainda mais forte na figura feminina, principalmente no Nordeste do país, pela própria natureza machista da sociedade.

Em diferentes conversas com a proprietária de uma dessas Academias, ela sempre me reafirmava a predominância das mulheres nesses locais, porém, ressaltava que a vaidade masculina tem aumentado e que os homens têm se preocupado cada vez mais em está em forma, entretanto, não se trata de uma cobrança como acontece em relação à figura da mulher:

“Os homens vêm mais à noite. E os homens estão muito mais vaidosos, não que eu seja contra a vaidade masculina, apesar de gostar de pessoas mais de estilo jogado, assim mais surfista... Eu não sou muito vaidosa no meu jeito de vestir, estilo mais clássico, mas homens eu gosto mesmo é de homem mais jogadão, mas bem cabeça... Mulher relaxada não dá! É um horror!.... Um fio de cabelo aparecendo você já fica cobrando, mas o homem grisalho você acha charmoso, bonito...”

A divisão de exercícios a partir da lógica de gênero, isto é, os mais fortes para os homens e os mais fracos para as mulheres, parece se reproduzir nesses locais, conforme observa um professor de musculação: *“As mulheres se preocupam mais com os detalhes do corpo. Acho que as mulheres têm mais consciência ou talvez elas tenham mais medo do corpo ficar ‘pelancudo’, ficar mole, cheio de celulite... Os homens não se preocupam com esse tipo de coisa... Elas sempre se preocupam: Ah, tô gorda... Isso aqui está mole, não sei o que tá mole... Só que elas diante do espelho, antes de começar as séries de exercício, começam a ver coisas erradas no corpo....”*

Mário, que namora uma de minhas interlocutoras da Academia, possui o seu próprio Personal Trainer⁵⁸. Adora se exercitar na musculação, pois acha que consegue os resultados mais rapidamente, corroborando velhos clichês de masculinidade: *“Eu não vejo homem em aula de aeróbica, 90% são mulheres.*

⁵⁸ O Personal Trainer é um professor que fica com o aluno exclusivamente, e cada hora sua custa, no estabelecimento em questão, 20 reais, fora o valor da mensalidade.

Homem que é homem gosta de pegar pesado... as mulheres são mais frágeis, e gostam mais de dança”.

A imagem do homem musculoso e viril veiculada na publicidade também é o tipo ideal de grande parte das mulheres que freqüentam as Academias, sobretudo entre as quais que tive oportunidade de conviver durante a pesquisa. Segundo um conhecido especialista em Medicina Esportiva e professor de pós-graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro, o modelo que está em alta é exatamente este de homem musculoso, com o corpo trabalhado, sem vestígio de barriga e de pelos, como no passado⁵⁹.

A procura das Academias aumenta consideravelmente nos meses de verão, cerca de 25% a mais o número de matrículas. A explicação das proprietárias é de que as mulheres buscam melhorar os seus físicos para exibirem-no nas praias e também por conta do carnaval, época em que o corpo é um dos elementos centrais de exposição para uns, e de fetiche para outros.

A faixa etária que freqüenta este local é bastante heterogênea, havendo desde adolescentes, de 16 e 17 anos até pessoas entre 50 e 60 anos, muitas vezes até do mesmo círculo de parentesco, como mães e filhas, ou tias e sobrinhas. Isto foi um ponto crucial em minhas análises, pois apesar de constatar essa dinâmica intergeracional, os interesses e objetivos da procura da atividade praticada na academia variam bastante.

As mulheres mais jovens procuram principalmente por vaidade, para ficarem mais bonitas. Já aquelas na faixa etária dos 40 ou 50 anos, se preocupam mais com a saúde e o bem estar. As com 60 anos têm outros objetivos, por isso são mais fiéis, já que não estão ali em busca apenas de um resultado imediato, pois têm consciência de que “não são mais juvenzinhas”, “não têm mais aquele corpo” e, por isso, não se deixam contaminar com a ansiedade dos mais jovens.

Tânia, que se encontra na faixa etária intermediária dos cinquenta, sempre praticou atividades físicas e freqüenta regularmente a Academia. Sua relação com o corpo se constrói a partir da imagem de modelação permanente, o que a faz feliz quando se olha no espelho. Exercitar a musculatura é como “beber água” ou seja, uma necessidade vital para se manter saudável. Quando deixa de ir as aulas por algum motivo, dança em casa, faz alongamento e outros exercícios para poder finalmente se sentir aliviada já se sente inconscientemente culpada tal é a dependência do local:

“(...) sempre fui vaidosa. Me cuido muito, não quero envelhecer desleixada, com tudo caindo. Aqui, dizem que eu sou muito conservada para a minha idade. Eu vejo algumas mulheres da mesma idade que parecem minha mãe...Este é o meu maior troféu... Adoro ser elogiada! Quando saio à noite e estou bem arrumada sinto todos olhares sobre mim e aí é que me percebo melhor, por fora e por dentro, inteiramente, gosto de me sentir amada e

⁵⁹ Reportagem exibida no Jornal do Commercio no dia 11 de Março de 2001.

admirada pelo olhar de uma outra pessoa, como se eu estivesse no espelho da Academia a me olhar e contemplar o quanto minha aparência me faz sentir bem...”.

O desejo de transformar o corpo gera uma ansiedade expectante entre as mulheres mais jovens que freqüentemente buscam resultados mais rápidos, como perder a barriga ou gorduras localizadas. Daí porque algumas delas acabam rapidamente desistindo dos exercícios localizados e partem para opções mais radicais, como cirurgia ou lipoaspiração. Sobre isso, observa Davi, professor de musculação:

“As pessoas, na verdade, deveriam procurar a atividade física como uma forma de trabalhar a mente e o corpo. A estética seria uma consequência natural. Mas aqui ocorre exatamente o contrário: os jovens procuram o exercício definitivamente por estética. As mulheres na faixa dos 40 anos, quando começam a vê o corpo não está correspondendo ao gosto do namorado ou do marido, então, vêm aqui para encontrar a fórmula milagrosa... Aí já é muito difícil de se conseguir um resultado estético por causa da cartilagem da pele, da elasticidade, você perde com o tempo...”.

Durante os meses que freqüentei a Academia, encontrei diariamente Cíntia (40 anos) que faz 5 horas diárias de ginástica e dança, além de exercícios de musculação. Depois das sessões costumávamos ficar conversando horas a fio. Para ela o exercício é vital, pois se sente bonita e gosta de ser olhada e elogiada pelas amigas e, sobretudo, objeto de desejo

masculino.

Quando perde uma sessão de ginástica perde praticamente o dia, tal é a dependência com o local. A boa manutenção do corpo constitui sua meta prioritária e disto jamais se desligará, mesmo quando estiver mais velha, pois pretende se cuidar até quando for possível:

“Você vê a Vera Ficher, ela está linda! Eu admiro aquela mulher, sofreu tanto, se envolveu até com drogas pesadas, mas no entanto não perdeu a vaidade, o gosto pela beleza do corpo. Bota qualquer mocinha de 15 no bolso.... Eu também já sofri muito. Fui casada, me separei, tenho dois filhos lindos... Olha, eu não sou mais nenhuma adolescente de 15 anos, mas sou bonita, posso botar um biquíni e ir a praia e todos os homens olham e eu tenho certeza disso, não é coisa de minha cabeça.... Meu namorado adora! Sempre pede para que eu não me descuide, estamos quase noivos, e eu estou novamente feliz, senão eu não estaria com este corpinho de fazer inveja a qualquer mocinha....”.

A manutenção do corpo sempre esbelto tem sua contrapartida, às vezes, nefastas para o próprio físico das mulheres que cultuam esse tipo de prática. Conforme pude constatar, é grande o número de mulheres que exageram na prática de exercícios. Algumas delas começam às 5 da manhã e terminam às 11 horas. Nesses casos, observa-se uma espécie de compulsão por parte das mulheres mais jovens, isto é, quanto mais se exercitam mais têm a ilusão de que atingirão mais próximo o padrão de beleza imposto pela imagem televisiva

ou da mídia impressa.

Segundo especialistas, superior a quatro horas diárias de malhação haverá risco que poderá levar a conseqüências drásticas, tais como a fadiga dos músculos e o desgaste das articulações⁶⁰. Outra importante constatação é a de que a velocidade do envelhecimento é idêntica entre sedentários e atletas, ou naqueles que exageram na prática do exercício físico. Com as pessoas que praticam exercícios regulares de maneira moderada acontece uma desaceleração desse processo, isto é, a marcha do envelhecimento é menor⁶¹.

De qualquer maneira, pude observar que independentemente de idade dessas mulheres, a prática da atividade física encontra-se diretamente ligada à auto-estima, na medida em que se pode perceber diretamente em seus comportamentos uma relação mais harmoniosa com elas mesmas no momento em que adquirem resultado com o exercício físico, conforme confidencia Laura (56 anos):

“Quando as mulheres chegam nas academias vêm todas vestidinhas, com vergonha de exibirem o corpo... daqui a pouco começa vestindo uma com uma blusinha mais justa e depois já vão ficando mais nuas, porque já estão se sentindo bem e recuperando o prazer se ser olhada e o gosto de se ver nos espelhos da Academia...”

Durante minha pesquisa, esforcei-me para estar na Academia em

⁶⁰ Reportagem exibida no Diário de Pernambuco no dia 30 de Abril de 2001.

⁶¹ Reportagem exibida na Revista Veja no dia 30 de maio de 2001.

diferentes horários do dia. A turma mais cedo começa às seis horas da manhã. Em diferentes dias e horários, encontrei Graziela (30 anos), que chega às 6 horas da manhã para fazer sua aula de “step”, juntamente com a sua mãe, Aparecida, 60 anos, que prefere ficar na musculação, pois acha o “step” “muito puxado”:

“Isto não dá pra mim, fica para minha filha que é jovem... Eu fico desnorteada, me perco, prefiro fazer um exercício com mais calmo”.

Graziela faz as aulas com Laura e Cíntia que apesar de serem de uma faixa etária mais próxima a de sua mãe, compartilham também da aula de “step”, que segundo elas, é excelente. Graziela acha muito importante a prática dos exercícios, diz que é muito sacrifício ir as aulas tão cedo, mas já tornou isto um hábito da sua vida. Foi por meio dela que conheceu Liliane que também é frequentadora assídua da academia.

Para esta última, é uma “obrigação da mulher” está sempre com o corpo bonito e saudável. Após a sua experiência no SPA, ela não se dá mais ao direito de se descuidar: *“Tenho muito trauma de gordura. Acho que pelo fato de ter visto minha mãe na situação que ela se encontra, ela é obesa e isto destruiu a sua vida. Faço hoje ginástica regularmente... Graziela me incentivou bastante a vir para esta academia e hoje sou muito grata a ela, pois me acho bonita, as pessoas me elogiam, me olham e eu própria me sinto atraente... Antes eu não sabia o que era isto...”.*

Percebi que mesmo neste lugar de sociabilidade há muito preconceito no que diz respeito à idade e ao tipo físico feminino. Alguns aspectos que me chamaram a atenção em minhas primeiras observações, conforme colocou uma de minhas interlocutoras: *“Acho que alguns professores dão mais atenção as meninas mais novas e mais bonitas. Acredito que seja uma questão de empatia ou atração de pele.... As mulheres mais idosas ou aquelas que têm o corpo desajeitado ficam completamente por fora, chegando a fazer o exercício de forma errada por falta de orientação. Eu sinto esse tipo de discriminação, mas não tenho certeza, pode ser coisa de minha cabeça....”*.

Embora tal comentário possa parecer uma mera uma projeção, de fato alguns professores agem de fato sem a ética que a sua profissão exige. Essa crítica é corroborada pela proprietária de uma conhecida academia: *“Às vezes eu tenho problemas com professores que não dão atenção as mulheres mais idosas. Em todas as reuniões eu chamo a atenção para o fato e peço que eles se dediquem mais àquelas pessoas que não têm muita agilidade, que precisam de um acompanhamento mais personalizado. No entanto esses profissionais repetem o mesmo preconceito da sociedade em relação às mulheres idosas e gordas...”*.

A Academia exerce também o controle na alimentação de seus frequentadores. Se alguém exagera no dia anterior, com alguma transgressão gastronômica, como por exemplo, se comeu algo a mais, gordura ou doces, deve pagar pelos “pecados”, isto é, os excessos cometidos, malhando o dobro para ser ‘perdoado’ e aliviado da culpa de uma futura celulite que venha a

aparecer, conforme costuma se expressar alguns dos professores:

“Quem exagerou neste final de semana vai ralar, senão o pior vem depois! É isso que vocês querem?”. Após a confirmação da culpa pelo exagero da gula, há uma espécie de redenção: *“não espere que as pessoas digam que você está bonita. Sinta-se bonita, goste mais de você!...”*.

3.2. SPAS e Clínicas de Rejuvenescimento

1. O Local

Como a Academia, o SPA é também um local destinado à disciplina e a domesticação do corpo, sendo igualmente cultuado por um público que dispõe condições materiais para permanecer durante um fim de semana ou por um período indefinido.

O nome SPA, provavelmente vem de uma cidade na Bélgica onde as pessoas iam para se tratar com banhos de lama entre outras técnicas voltadas aos cuidados e tratamentos do corpo. O primeiro surgiu a partir de um casal de norte americanos que tinha conhecido tal cidade, e fundaram um hotel⁶². Atualmente o nome se incorporou ao vocabulário comum, estando associado a um espaço destinado ao relaxamento, reeducação alimentar e principalmente emagrecimento.

Os SPAS se encontram localizados nas imediações da cidade de Recife. Em sua grande maioria, são afastados da metrópole, com área verde e ampla o que dá a sensação de tranquilidade.

Depois dos primeiros contatos realizados na Academia, pude constatar que algumas de minhas interlocutoras também freqüentavam os SPAS e, por essa razão, senti-me motivada a conhecer esse tipo de ambiente, descrito por elas como um lugar de lazer e de privação.

O SPA é descrito como um local um espaço de sociabilidade, onde pessoas de ambos os sexos e diferentes idades procuram com alguns interesses em comum, sobretudo, perder peso.

Pelo alto custo das diárias, em geral, somente têm acesso a esse tipo de serviço pessoas de classe média alta. Uma das funcionárias me mostrou algumas fotos de pessoas conhecidas que ali já estiveram, entre as quais encontram-se colunáveis, artistas, políticos e outras figuras famosas no meio social recifense.

Construído em espaços verdes e amplos, com piscinas e equipamentos de recreação, no SPA é oferecido aos clientes uma dieta individual avaliada por uma nutricionista, não sendo permitido o uso de bebidas alcoólicas, somente guaraná diet e alguns sucos, além de vitaminas e energéticos que servem para que a pessoa suporte a deficiência alimentar. Além disso, há um

⁶² Esta informação é da proprietária de um spa onde foi feita a pesquisa.

acompanhamento com um endocrinologista, um professor de educação física e um psicólogo. Existem terapias individuais e em grupo para que as pessoas troquem experiências, assim como diversas atividades lúdicas e de lazeres, como dança e festas.

Para algumas das mulheres com as quais convivi na Academia e que também freqüentavam o SPA, um dos principais motivos pelo qual se submetiam a esse tipo de serviço era a vontade de perder calorias durante um curto período ou até um final de semana. A prova disto é o alto índice de pessoas que por conta de 2 ou 3 quilos a mais que buscam logo um spa no fim de semana.

Como eu mesma pude observar, no SPA o número de mulheres é também superior ao de homens, tal indicador foi confirmado pela gerente de um desses locais: *“As mulheres são maioria. O homem gordinho não sofre tanto quanto a mulher e, talvez, por isso não venha aqui com tanta freqüência...”*. Quanto aos obesos, a situação é outra. Segundo a gerente, a maioria dos clientes masculinos são, de fato, os obesos, e quando não, são pessoas que desejam passar um final de semana diferente, longe dos problemas, como num hotel normal, porém mais saudável, em companhia da esposa ou namorada que está interessada em perder suas calorias.

Zélia (40 anos), que conheci na Academia, passou quase um ano num SPA, pois era obesa e precisou de fato se isolar do ambiente de casa para se tratar. Sua avaliação é positiva, a tal ponto que atualmente é administradora de

um SPA. Orgulha-se de sua obstinação e disciplina durante todo o tempo em que ali esteve e, talvez, por isso, tenha desenvolvido uma sensibilidade mais acurada em relação aos problemas de seus clientes.

Também freqüenta eventualmente a Academia para sair um pouco do ambiente do SPA, o qual já se encontra impregnado em sua vida. Para ela foi difícil perder peso e chegar no peso que se encontra, com 100 quilos a menos. Antes sentiu a discriminação na pele, nunca pôde trabalhar, pois o seu perfil era imediatamente rechaçado pelos gerentes ou pessoas que selecionavam empregados:

“Eu nunca fui respeitada, sempre me chamavam de elefante, dragão, feia, gorda. Eu sofri tanto que hoje não sei como ainda posso ser feliz. As pessoas olham primeiro a sua aparência, para se aproximarem de você. Se você é pobre, não tem carro, é negro, é gordo, você é logo excluído. Mesmo tendo um padrão de vida elevado, a gordura faz com que as pessoas te olhem de uma forma transversa...”

Por conta de questões de saúde e sérios riscos de infarto, precisou se submeter a uma cirurgia de estômago: *“Eu já era muito querida neste spa, mas os médicos viam que eu ainda corria sérios riscos de vida. Decidi fazer a cirurgia, precisei me submeter a sessões terapêuticas, que foram maravilhosas. O problema foi porque uma semana antes de me operar, uma amiga minha que também fez esta redução do estômago faleceu. Ai foi terrível, eu fui ao enterro, a família estava desesperada, chegaram a me pedir que não fizesse. Eu não*

digo que isto me desorientou, e quase desisti, porém quando eu me olhava no espelho, não me suportava mais, e aí fui com a cara e a coragem”.

O fato de ter convivido tantos anos com a gordura a encorajou a remodelar o seu físico, mesmo sabendo que corria sérios riscos de vida: *“(...) eu tinha muita dificuldade de andar, eu sofria até para subir no carro. A gordura é como um defeito físico, eu me sentia assim, uma deficiente, completamente excluída do meio. Só eu sei o que sente a pessoa gorda quando fala dessas coisas... Eu vivi isso na pele. Sei que me arrisquei muito, minha saúde estava comprometida, mas o que foi pior foi meu aspecto, que todos abominavam, pareciam sentir nojo de mim”.*

Diferente do caso de Zélia (40 anos), Rebeca (56 anos) freqüenta esporadicamente o SPA quando sente que seu corpo adquiriu alguns quilos a mais do normal. Defini-se como excessivamente vaidosa, freqüentando também a Academia de ginástica com regularidade.

Começou a ir ao SPA depois que engravidou e teve uma filha. Segundo ela seu físico mudou bastante, pois ganhou cinco quilos a mais do normal o que a levou a sérias depressões. Atualmente se encontra na menopausa e os hormônios não ajudam no controle do peso, sendo necessário buscar outras alternativas, inclusive o divã de seu psicanalista.

Gosta de freqüentar o SPA, pois além da função específica, aproveita o lugar como lazer e sociabilidade para amenizar sua solidão. Ali costuma

encontrar pessoas que passam por problemas similares ou até piores que os seus, o que a deixa mais tranqüila, confiante que não está sozinha no mundo. Quando conheci Rebeca na Academia e depois num fim de semana no SPA, minha impressão não mudou: era uma mulher bastante conservada e bonita, mantinha um corpo bem cuidado, em nada correspondia a sua alto-representação.

Como Rebeca (56 anos), Liliane (32 anos) também nutre uma relação fantasmática com o peso. Chegou ao SPA para acompanhar a mãe, que possui sérios problemas de saúde por conta da obesidade. No entanto, aproveitou para também emagrecer. A sua decisão fez com que a mesma se submetesse ao tratamento comum às pessoas que ali estavam, ou seja, mesmo tendo a opção de ingerir, por dia, 600 cal. optou por 300⁶³.

Para ela, os primeiros dias foram mais difíceis, pois sentia bastante fome. Todo este sacrifício foi compensado pela rapidez do resultado, que a fez perder 10 kg em 43 dias. Ficou magra e bem abaixo do peso normal, porém, satisfeita com o “sofrimento”, pois conseguiu finalmente o corpo “ideal” que sempre procurava nas revistas e TV:

“A minha auto-estima foi lá pra cima, eu não gostava de me olhar no espelho, pois não gostava de meu corpo. Hoje em dia eu já me olho, todo dia me peso, eu tenho aquele medo de não engordar... vivo sob pressão e com

medo de engordar(...)Eu queria ter aquele corpo esbelto, magro como o de uma 'top model'. Mesmo que ainda não tenha chegado ao resultado ideal, estou satisfeita e me esforçarei mais... ”.

A meta desta informante, na época em que foi realizada a pesquisa, era atingir um IMC (Índice de Massa Corpórea) entre o normal e o magro, pois pretendia chegar aos 50 kg:“(...) *tem gente que fala que eu estou com anorexia nervosa, que eu estou imaginando uma barriguinha aqui, eu acho que eu tenho auto crítica...*”.

Kelly (30 anos), amiga de Liliane, freqüenta eventualmente o mesmo SPA. Confessa sua frustração em relação expectativa de perda de calorias, pois diz ter passado por aquele ambiente várias vezes, feito inúmeros sacrifícios e no entanto, não consegue manter o peso que geralmente conquista após cada final de semana “trancada” naquele local.

Na última vez, passou uma semana, perdeu o peso desejado, porém, não tardou a recuperar as calorias que havia perdido. Para ela não é fácil “resistir” à tentação da comida, sobretudo ela que adora comer guloseimas.

Durante as nossas conversas, Liliane enfatizou que sentia a mesma dificuldade da amiga, no entanto, preferiu ter feito alguns sacrifícios para se livrar das “tentações” da gula, como dispensar a empregada de “forno e fogão”

⁶³ É importante salientar que, segundo a informante, 300 cal. equivale a um sanduíche que eles dividem em três refeições diárias bem balanceadas, com um complemento vitamínico e

para poder controlar o tipo da comida. Enquanto falávamos sobre estes assuntos, ocorreu um fato interessante, pois naquele momento da conversa tanto Liliane quanto Kelly sentiram vontade de comer alguma coisa doce e também compartilhar comigo a privação de comidas calóricas naquele local. Era um final de semana e todas nós estávamos condicionadas a pequenas rações dietéticas oferecidas durante o dia. Tal transgressão alimentar foi logo rechaçada e rimos a valer.

Tanto Kelly como Liliane ressaltaram a difícil relação com o corpo, o quanto sentiam medo de se olharem no espelho, utilizado apenas para ajeitarem a maquiagem do rosto e arrumarem o cabelo. O assunto levou Liliane a observar que no SPA as mulheres, embora belas de rosto, possuindo um corpo “gordo e desajeitado”, não eram cobiçadas por rapazes, nem sequer como objeto de algum tipo de olhar, mesmo por aqueles que ali se encontravam em luta contra as calorias. Para ela um duplo preconceito, pois se tratavam de pessoas gordas que rejeitavam as outras também similares.

Aliás, conta que uma velha amiga recentemente tivera, por conta da gordura, sérios problemas com o marido que aprecia e cultiva o próprio corpo, sempre impecável! Encontram-se separados e ela em tratamento para combater a forte depressão. A propósito, Liliane aproveita o comentário para falar sobre suas intimidades:

“(...) eu não gostava de olhar meu corpo, pois cada vez que isso acontecia eu ficava ainda mais deprimida... Depois da Academia e do SPA eu já posso voltar ao espelho e me sentir uma mulher, capaz de ser olhada e amada... Isso eu devo a minha persistência e ao SPA, pois aqui você é capaz de perder 10 kg em 1 mês. Tem gente que consegue. Quantos não levam anos e anos pra perder 10 kg?. No regime normal, com médico tradicional, os efeitos são tão lentos que você perde o estímulo de emagrecer, como ocorreu várias e várias vezes comigo. Já no spa é diferente. Você com uma semana, que é a primeira semana que você perde mais, você perde 4 kg. Você vê que as roupas estão mais folgadas ai se tem vontade de usar aquelas roupas mais justas, de mostrar as pernas, de mostrar a sensualidade...”

Camila (32 anos), freqüentadora da Academia e amiga de Rebeca e de Kelly, também freqüentou o mesmo SPA. Precisava emagrecer rapidamente para se submeter a uma lipoaspiração e remodelar decisivamente a sua barriga tão “indesejada”. Avalia sua experiência como positiva, sobretudo porque finalmente chegou no ponto de corpo desejado: *“Não sou nenhuma top model, como gostaria, mas estou conseguindo me manter nos 50 quilos já que sou considerada uma mulher alta para os padrões locais: 1,78 m”.*

Beatriz (45 anos), amiga de Camila, também freqüentadora destes Templos de Beleza, compartilha o mesmo tipo de preocupação: *“Eu sempre fui uma pessoa feliz, mesmo quando eu era gordinha e mal feita. Não que hoje eu tenha um corpo lindo e maravilhoso, não é nada disso... Me vejo mais bonita, atraente e sensual do que há alguns anos. O que eu tenho que me acostumar*

é com as limitações que precisarei fazer a vida toda. Não posso comer mais nada, tudo é proibido para mim, acho que estou pagando todos os meus pecados, pois sofro muito por isso. Nem uma cervejinha é permitido, pois todo mundo sabe que dá barriga. Não sei até que ponto este meu investimento está valendo a pena, mas se eu voltar a engordar as pessoas vão me cobrar e eu não suporto crítica de ninguém, estou com os nervos a flor da pele, e já não posso mais pagar semanas inteiras num SPA como fazia antes... preciso ter mais auto controle por mim mesmo. Uma sessão de análise custa um absurdo, acabei reduzindo o número e já não sei o que fazer”.

As Clínicas de Rejuvenescimento

Importantes Templos de Beleza são as Clínicas de Rejuvenescimento que a cada dia estão se proliferando mais na cidade do Recife. Como algumas das minhas interlocutoras são clientes dessas instituições, passei a freqüentá-las com o objetivo de aprofundar essa etnografia.

Num primeiro momento de minha observação “in loco”, um dos fatores que mais me chamou a atenção foi a localização destes centros de beleza estética. Das 34 clínicas, fiz contato com 29 principais, das quais 13 se encontram em Boa Viagem, 05 em Casa Forte, 02 nos Afritos. As demais se localizam em áreas adjacentes e são consideradas “inferiores”. Estes bairros são tidos como “diferenciados”, pois são habitados por pessoas que, na sua maioria, pertencem à classe média alta da cidade.

Locais confortáveis, agradáveis e aconchegantes, estes modernos centros oferecem todo o tipo de serviço de natureza estética que há disponível no mercado. É muito comum se encontrarem ali anúncios de modelos famosos e até fotografias de clientes antes e depois de se submeterem aos tratamentos. Para algumas especialistas, “o antes e o depois” é o alvo principal de marketing dessas clínicas, pois com essa prova virtual o cliente pode comprovar a eficácia ou não do trabalho, tendo uma prévia noção da mudança e da diferença do corpo.

Algumas instituições, além de exibirem fotos de clientes, incorporam em sua decoração cartazes que trazem fotografias de comidas, juntamente com frases de auto ajuda, como por exemplo: *emagrecer sem passar fome, reeducação alimentar o segredo do sucesso. Ou emagreça com sucesso e alegria; você quer, você merece! Acredite e conquiste!* Tais “slogans” têm a função de motivar os freqüentadores a lutarem contra o “inimigo maior”, ou seja, a gordura.

Em alguns centros todas as clientes são filmadas durante as sessões e as fotos são expostas, muitas vezes, publicamente em outdoors e jornais ou revistas, se houver uma prévia autorização, segundo informações dos funcionários. Tais fotos são comumente encontradas em alguns pontos da cidade, e freqüentemente nos principais jornais.

No momento em que eu fazia uma observação a esse respeito uma

funcionária da instituição, que já foi anteriormente uma cliente me mostrou as suas fotos antes e depois do tratamento, comentando: *“Tem essas fotos aqui, esta aqui sou eu antes... Isto faz seis anos. Hoje eu como de tudo, bebo cerveja, e meu corpo continua se mantendo bem”*.

O mesmo não ocorre em clínicas destinadas unicamente ao tratamento de pele outras técnicas de rejuvenescimento, geralmente procurada por mulheres de classe média alta que não divulgam os resultados obtidos.

O tipo de tratamento varia bastante de uma instituição para outra. São oferecidos entre outras coisas: permanente de cílios, mesoterapia⁶⁴, hidrolipoclasia⁶⁵, lipoaspiração⁶⁶, lipoescultura⁶⁷, drenagem linfática⁶⁸, introdução de piercings, tratamentos faciais, ginástica facial, tratamentos para estrias, e até emagrecimentos sem regimes:

*O Método de Emagrecimento Ideal,
que Proporciona Boa Forma
para seu Corpo sem Prejudicar a sua Saúde.
Elimine: Gordura Localizada, Papadas,*

⁶⁴ Infiltrações localizadas com medicamentos específicos para: gordura localizada, celulite e estrias.

⁶⁵ Tem como objetivo, através da introdução de substâncias específicas, inchar o adipócito (célula de gordura), rompendo sua membrana e, conseqüentemente, eliminando a gordura nela acumulada.

⁶⁶ Técnica para a aspiração superficial de gordura, realizadas por meio de cânulas especialmente desenhadas para este tipo de cirurgia.

⁶⁷ Técnica similar a lipoaspiração. A única diferença é que se utiliza seringa e serve para delinear o corpo do paciente.

⁶⁸ Estimula os vasos linfáticos, desintoxica ou descongestiona o local. Indicado no tratamento da obesidade, celulite, gorduras localizadas e pós-operatórios. Pode ser manual ou de aparelho.

*Celulites,
Flacidez, Culotes, Abdome, Segunda Barriga.
O Seu Corpo Agradece...*

Alguns desses locais utilizam técnicas mais modernas, com intervenções de aparelhos que são geralmente importados da Europa e dos Estados Unidos. Outros ainda divulgam tratamentos considerados naturais, por isso “não menos eficientes”, muito procurados pelo público por “não ferir nem agredir o organismo”.

Um exemplo é o caso de uma instituição que baseia sua técnica em toalhas mornas utilizadas para triturem a gordura do corpo, associadas a toques e massagens. A funcionária diz que se trata de um método natural muito procurado.

Algumas clínicas se baseiam em emagrecimento e reeducação alimentar. Segundo a gerente da instituição, a procura tem crescido bastante, principalmente por parte de jovens do sexo feminino, que por conta de alguns quilos a mais buscam o tratamento. O preço é bastante variável, e a procura se intensifica nos meses de verão possivelmente pelo fato do corpo se encontrar mais exposto publicamente.

Os freqüentadores são em grande parte mulheres de faixa etária

variada, desde adolescentes até pessoas mais velhas entre 70 a 80 anos⁶⁹. Os homens são ainda uma minoria dos clientes e, segundo informações de funcionários, há ainda muito preconceito, por parte da sociedade, sobre o homem que frequenta tais espaços, pois no imaginário, tais serviços são considerados femininos.

Em sua maioria, os homens nordestinos sentem “vergonha” de procurar um local dessa natureza, pois comprometem sua virilidade e, por isso, se fixam em academias de ginástica, conforme comentou uma funcionária de uma dessas instituições: *“Ele acha que vai emagrecer fazendo exercícios, na força para ser macho. A mulher não. A mulher quer emagrecer, mas sabe que tem flacidez, tem celulite, tem outros pontos que geralmente o homem não tem”*.

Laura (56 anos), que também utilizou um desses serviços, para a aplicação de produtos destinada à redução da celulite, comenta sobre a “tirania estética” atual *“A sociedade cobra isso, então você vai fazer as coisas para o outro e não para você. Então o padrão deve ser uma Luma de Oliveira. Cito esta que está em evidência... Você precisa ser bonita para ser Luma de Oliveira? Não precisa! Mas a sociedade cobra. É como se as mulheres hoje em dia não pudessem ser elas mesmas e, por isso, se sentem obrigadas a fazer sessões de diferentes tipos nessa clínicas de rejuvenescimento na ilusão de que vão mudar o corpo. Muitas amigas da academia já procuraram esses serviços por algum motivo, mas nenhuma delas totalmente satisfeitas com os resultados”*.

⁶⁹ Em todas as clínicas visitadas, a faixa etária predominante é a dos 20 anos.

Para uma esteticista com quem conversei, os objetivos de quem procura um lugar como este são bastante variáveis principalmente no que concerne a faixa etária. Mesmo entre os 70 e 80 anos a demanda é significativa, conforme informações:“(...) *essas senhoras mais idosas, procuram geralmente fazer maquiagem definitiva, massagens e principalmente carinho*”.

Para alguns profissionais, o fato ter 70 ou 80 anos não implica abdicar de viver, muito pelo contrário. As pessoas continuam a serem vaidosas, e por isso desejam está sempre bonitas. São pessoas que têm consciência de que não poderão alcançar os mesmos resultados de uma jovem de 20 anos, no entanto, se sentem igualmente bem quando estão cuidadas.

Ao contrário das mulheres mais idosas, as jovens buscam tratamentos mais imediatos e mais modernos, como é o caso da lipoaspiração⁷⁰, procurada geralmente por pessoas entre 18 até 30, 35 anos.

Na opinião da dona de uma dessas clínicas, a demanda pela lipoaspiração tem aumentado consideravelmente. Apesar de ser a favorável a esse tipo de serviço, adverte que as pessoas devem procurar profissionais competentes, pois é uma intervenção delicada e, portanto, exigem cuidados especiais. Também é muito comum que as clientes procurem os serviços para

⁷⁰ Apesar de muito divulgada e cada vez mais procurada, ainda acontecem casos de mortes de pessoas após se submeterem a um procedimento dessa natureza. No Rio de Janeiro uma Clínica foi interditada em Outubro de 2001, após um caso de paciente de 48 anos que foi a óbito por conta disto. (Reportagem exibida na Folha de Pernambuco, 30 de Outubro de 2001).

tentar concertar algo que a cirurgia plástica deformou, como foi o caso de uma mulher que colocou uma prótese de silicone no corpo e pouco tempo depois a mesma saiu do lugar.

Em alguns desses locais, grande é o número de mulheres que procuram a cirurgia plástica, conforme declara um especialista da área: *“Há 10 anos atrás, era freqüente no consultório encontrar mulheres que tiveram filhos e queriam reduzir o busto, ainda não se falava de “lipo” e nem existia essa palavra. Hoje em dia tudo parece banalizado, algumas mulheres chegam aqui no consultório sem o menos pudor, exigindo que eu faça milagre e de forma rápida. Pequenas coisas impensáveis para a responsabilidade de uma intervenção cirúrgica, no entanto, estão prontas para qualquer sacrifício...”*.

A boa impressão pela aparência, é também um fator importante para o mito da ascensão da mulher no mercado de trabalho. As exigências estéticas são inúmeras, fazendo com que se deixem sucumbir à ideologia do mercado, isto é, quanto melhor a aparência maior a oportunidade de absorção, valendo inclusive para profissões liberais, como Direito e Medicina.

Esse conteúdo encontra-se latente na fala de várias mulheres com as quais pude dialogar durante a pesquisa: *“Compare um homem de 40 anos com uma mulher de 40 anos, é lógico que tem as exceções, você nota que há uma diferença de envelhecimento, de pele, de tudo... A mulher está sempre em desvantagem em relação ao homem”*.

Nas visões de algumas dessas mulheres contempladas, o alto índice de

divórcios encontra-se também associado ao fator estético e etário, o que tem gerado, sobretudo da parte masculina, instabilidade nas relações afetivas, seguidas de traições. É muito comum se ouvir de algumas dessas mulheres observações que reforçam o estereótipo masculino de mulher objeto e descartável, conforme se expressa uma delas:

“Outro dia, me encontrava numa reunião na casa de um casal amigo e a discussão começou a se direcionar em torno de algumas separações conjugais no ‘society’ recifense e aí um colunista comentava que a mulher precisa ter cuidado porque os maridos casam com as mulheres magras e, de repente, as mulheres engordam e os maridos deixam, não é? Os homens podem envelhecer, engordar, ficam impotentes, tudo podem. As mulheres não podem. E a mulher se deixa contaminar e absorver todas essas cobranças...”

CAPÍTULO 4

ESPELHO MEU...

*“Espelho, espelho meu:
existe alguém mais bonita
do que eu?”*

O enunciado é conhecido de todos nós. No conto infantil, uma determinada Rainha chamava a atenção pela sua estimada beleza, cultuada diante de um espelho. A narrativa se desenrola com a chegada de uma jovem moça, por acaso sua enteada e que aos olhos do “espelho mágico” possuía uma beleza infinitamente superior ao de sua madrasta, tornando-se logo o centro de atenções e objeto de desejo de todo o Reino.

Embora arquétipo de um conto de fada, a imagem especular e ameaçadora de uma “outra”, “mais jovem e mais bela”, constitui também a tônica recorrente presente nas falas das mulheres que convivi durante esta pesquisa. Vale salientar que tomo o espelho como metáfora de um olhar imaginário que faz com que essas mulheres se reconheçam tanto como objeto de desejo quanto de aprisionamento.

Como observou Freud, a criança inicialmente não possui uma representação de um corpo unificado. Ao contrário, ela nutre fantasias de despedaçamentos e mutilações corporais. Na medida em que vai crescendo, começa a se identificar com a sua própria imagem, deixando de se alienar no reflexo do Outro (sua mãe) e, pouco a pouco, reconhecendo-se como portadora de seu próprio desejo⁷¹.

Por sua vez, Lacan chama a atenção para o fato de que quando a criança se olha no espelho imagina inicialmente que a imagem refletida não é a dela e sim de um Outro. Isto porque não possui psiquicamente uma unidade corporal ainda formada. Nesse momento, deslumbra-se com a sua própria imagem, tentando tocá-la e apreendê-la, porém, ao mesmo tempo, confundindo a imagem que tem de si mesma refletida no espelho com a imagem do Outro que o circunda.

Finalmente, a criança, à medida em que cresce, é capaz de perceber que se trata de sua própria imagem diferente do Outro. A partir de então, seu

corpo passa a ser concebido como uma totalidade íntegra. Para Freud, é nesse momento em que se opera a passagem do auto-erotismo infantil para o narcisismo propriamente dito⁷².

Embora o meu objetivo nesta pesquisa não seja focar o narcisismo do corpo feminino a partir de uma ótica psicanalítica, não pude deixar, todavia, de dialogar de forma indireta com alguns enfoques psicanalíticos, preferindo, todavia, entabular um diálogo mais profundo com outros tipos de perspectivas, como aquela proposta por Michel Foucault.

Como lembra tanto Roger Bastide⁷³ quanto Georges Devereux⁷⁴, Antropologia e Psicanálise têm afinidades comuns através de diálogos e empréstimos extremamente frutíferos. De todo modo, o narcisismo e o corpo feminino foram tratados nessa pesquisa a partir de uma ótica essencialmente etnográfica, sem pretensão alguma de esgotar teoricamente o assunto, apenas traçar e desenvolver uma reflexão a partir dos dados sugeridos pela pesquisa.

Portanto, o foco escolhido incidiu sobre a cultura contemporânea na qual o corpo se apresenta como um elemento catalisador e, por conseguinte, passível de diferentes tipos de leituras, como bem sugere a obra de Michel Foucault.

⁷¹ Ver: Sigmund Freud, "Obras Completas", Rio de Janeiro, Imago, 1969.

⁷² Ver: Joël Dor, "Introdução à Leitura de Lacan: O Inconsciente Estruturado Como Linguagem", Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

⁷³ Ver : Roger Bastide, Sociologie et Psychanalyse, Paris, PUF, 1958.

O narcisismo do corpo constituiu o liame comum, portanto mais forte e presente, compartilhado pelo grupo de mulheres freqüentadoras de Academias, Clínicas e SPAS. Com efeito, durante minhas observações etnográficas, realizadas nesses locais, uma das mais fortes imagens foi a de associar aqueles espaços, sobretudo o da Academia e o SPA, a um locus de “prisioneiros”, guiados, sempre pela preocupação de um olhar regulador e exterior, isto é, a pressão da sociedade em relação aos padrões culturalmente impostos.

Percebi também que a própria Academia, concebida inicialmente como um espaço destinado a exercitar o corpo de forma mais saudável, está cada vez mais perdendo a sua função originária, para se tornar um mero locus de exibição estética, a tal ponto que algumas mulheres gordas que procuram tal empreendimento se sentem envergonhadas e constrangidas de iniciarem os exercícios exigidos, devido ao estado de deformação do corpo e do grau de controle e de “censura” que contamina os olhares dos freqüentadores.

Um exemplo evidente dessa nova forma de “tirania” da estética é exercida tanto pelos professores quanto pelos alunos durante as sessões de musculação. A disciplina baseada na vigilância do corpo é delegada ao professor de ginástica. Para aquelas que têm melhor desempenho nos exercícios físicos o professor as denomina de “Rainhas”.

⁷⁴ Ver : Georges Devereux, « De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement », Paris, Flammarion, 1980.

Outro detalhe, de extrema importância, é a quantidade de espelho que foram de cima a baixo, as paredes de todos os compartimentos destes “Templos”. Durante algumas sessões observei o deleite de muitas mulheres ao se verem refletidas naquelas superfícies de vidro e aço. Observei também que isso acontecia com maior intensidade, quando algumas delas possuíam qualidades físicas apreciáveis.

Ao contrário daquelas que buscavam desesperadamente perder peso, em que o olhar no espelho refletia a “desarrumação do corpo” e, por isso, o descontentamento e o controle, a vigilância permanentemente exercida pelos colegas e professores. Sobre isso, aliás, comenta a diretora da Academia em que realizei a pesquisa: *“(...) na Academia o espelho tem a função de corrigir a postura durante os exercícios, mas parece que a finalidade foi deturpada, pois é utilizado por algumas mulheres unicamente para se admirar, amar e cultuar a própria imagem... A imagem virou aqui uma obsessão tão generalizada a ponto de muitas procurarem um endocrinologista para fazer regime antes de se matricularem, por conta do medo de serem olhadas e criticadas pelas colegas...Perder peso para poder entrar na Academia, isto é um horror! Veja a que ponto chegou o grau de controle estético da sociedade”*.

Aliás, essa parece ser a função que as superfícies espelhadas desempenham na nossa sociedade, da mesma forma como o *olhar panóptico* das prisões, como observou magistralmente Michel Foucault no livro *Surveiller*

*et Punir*⁷⁵. Segundo Foucault, as prisões tornaram-se a sede de regimes de vigilância total e ininterrupta.

A arquitetura compacta e fechada que encarcerava os criminosos em profundezas, foram substituídas por edifícios mais leves nos quais os internos são isolados e permanentemente inspecionados, através de uma Torre central de vigilância denominada de *Panopticon*, criação do arquiteto Bentham.

Com o *Panoptico* (o olhar panóptico) ou seus equivalentes, cada cela estava ao alcance de uma inspeção central e invisível. Sem saber quando estão sendo observados, os prisioneiros tinham de se comportar como se estivessem sempre vigiados.

Foucault enfatiza a importância do *Panopticon* de Bentham, tentando convencer de que se tornou uma tendência generalizada da sociedade burguesa. Da mesma forma que o “sonho político” da sociedade tradicional, que se exprimia no desejo de exílio dos leprosos, formando uma comunidade pura, o sonho político de uma cultura moderna burguesa é “uma sociedade disciplinar. E seu poder modelador compreende várias instituições básicas:

“(...) projetar recortes finos da disciplina sobre o espaço confuso do internamento, trabalha-los com os métodos de repartição analítica do poder, individualizar os excluídos, mas utilizar processos de individualização para marcar exclusões –isso é que foi regularmente

⁷⁵ Ver : Michel Foucault, « *Surveiller et Punir* , Paris, Gallimard, 1975.

realizado pelo poder disciplinar, desde o começo do século XIX, no asilo psiquiátrico, na casa de correção, no estabelecimento de educação vigiada e, até certo ponto, nos hospitais. De modo geral, todas as instituições de controle individual funcionam num duplo modo: o da divisão binária e da demarcação (louco/não louco; perigoso/inofensivo; normal/anormal); e o da determinação coercitiva, da repartição diferencial (quem é ele; onde deve estar; como caracterizá-lo, como reconhecê-lo, como exercer sobre ele, de maneira individual, uma vigilância constante, etc.).”⁷⁶

Na perspectiva de Michel Foucault, para que a disciplina se tornasse regra geral na sociedade ocidental foram necessárias quatro condições:

A primeira foi a forma de distribuição espacial que predominou nas instituições, sobretudo em técnicas de segregação funcional, tais como aparecem no espaço da penitenciária, no qual as celas são vigiadas. O ideal disciplinar avançou também em outras instituições, tais como quartéis e internatos de moças e rapazes. Em ambos os casos eram considerados meios de disciplinar os corpos dos soldados e dos jovens.

A segunda condição da disciplina foi o controle da atividade no interior dessas instituições, isto é, programar as atividades dos presos, dos soldados, dos jovens internos, impondo uma regularidade de conduta da postura e dos exercícios corporais, como a articulação dos movimentos musculares do corpo.

⁷⁶ Idem, pp.137.

A terceira condição identificada por Foucault foi o exercício. Já antigo como prática religiosa (ex. “exercício espirituais” de Loyola), o exercício deixou de ser apenas um meio de ordenar o tempo terreno, com vistas a obter a salvação, para se tornar um instrumento poderoso na tecnologia política e econômica do corpo, como por exemplo, nos exércitos e nas escolas.

Finalmente, o quarto instrumento da disciplina era a combinação de forças, isto é, os indivíduos deveriam exercitar o corpo e seus movimentos com habilidade e precisão, sobretudo nas práticas dos apartamentos e dos colégios.

Uma das principais idéias desenvolvidas por Foucault, no livro *Vigiar e Punir*, é a de que as sociedades modernas podem ser definidas como sociedades disciplinares. Neste sentido, a concepção do corpo nas Academias de ginástica não parece diferenciar muito dessa concepção “foucaultiana” do corpo domesticado, do *corpo docilis*, disciplinado, regulado pelo horário, pelo código dos gestos, exigido pela sociedade racional moderna. Segundo o autor, a disciplina do corpo se constituiu na base do controle e vigilância que a sociedade impôs aos indivíduos.

Evidentemente que no contexto atual, o corpo também se submete a outros tipos de controle social, inclusive a um dos mais poderosos: os padrões estéticos impostos de forma normativa e tirânica pelos multimeios e, freqüentemente, aceito, sem nenhum tipo de questionamento por grande parte da população brasileira.

No grupo de mulheres, que serviu de base para a pesquisa, em nenhum momento observou-se algum tipo de preocupação que sugerisse questionar de forma crítica a adesão e a aceitação pacífica de uma imposição estético-corporal dessa natureza. Antes de demonstrarem qualquer tipo de interesse sobre questões introspectivas e existenciais, ou ainda no âmbito da realização profissional, a aparência lhes vinham como o mais significativo de suas vidas. Neste sentido, o corpo é representado com o “cartão de visita” ou o “cartão de crédito” conforme chegou a verbalizar uma delas. É a boa impressão da imagem que deve prevalecer acima de qualquer outro atributo valorativo, inclusive a inteligência.

O perfil etário heterogêneo do grupo também não revelou maiores variantes quanto a preocupação e representação do corpo feminino. As mulheres que se encontram na faixa etária de 30 a 40 anos, embora se auto-denominando “balzaquianas”, freqüentam a Academia no sentido preventivo contra as eventuais deformações da estética corporal, já que um dos “fantasmas persecutórios” é a perda de atributos estéticos corporais decorrentes do processo de envelhecimento.

Aquelas que se encontram na faixa etária dos cinqüenta também freqüentam a Academia, no sentido de retardar o fantasma do envelhecimento, já que não se imaginam diferentes das colegas de 30 e 40 anos. Como foi possível constatar, algumas mulheres que se encontram na faixa dos cinqüenta têm orgulho e vaidade de se compararem com às de 40, reforçando o mito da

eterna juventude, como por exemplo, revela o seguinte tipo de comentário: “Veja só aquela mocinha [referindo-se a uma jovem de 37 anos que faz Academia] ali, parece ter no máximo 40. Mas veja as celulites e a barriga descuidada, certamente já teve filhos...Eu, com 58 anos, não me troco por ela, pois não tenho celulite e barriguinha, o pouco que tinha com a última lipo desapareceu...”.

Comentários dessa natureza são comuns no universo por mim frequentado. As mulheres se projetam em outras “mais belas” e, por conseguinte, tomam aquelas consideradas “feias” e “desajeitadas” como referencial negativo. Geralmente a oposição entre feia/bela, magra/gorda, alta/baixa, bem feita/mau feita, arrumada/desajeitada estrutura e orienta o tipo de juízo de valores dessas pessoas. Neste sentido, o estigma se constitui como um traço que o indivíduo possui e que, durante as relações sociais cotidianas, afastam as pessoas, constituindo a marca que determina a visualização negativa do indivíduo.

Como bem observou Mary Douglas, no livro *Pureza e Perigo*⁷⁷, algumas sociedades são organizadas através da dicotomia pureza x poluição. A noção de poluição (sujeira) seria análoga a uma visão de desordem ou anomia social. Com efeito, separar, punir, purificar são ações sistematizadoras da experiência social. É através da separação que a ordem é estabelecida. Segundo a autora, a ambigüidade representando um estado de transição (aquilo que Victor Turner

⁷⁷ Ver: Mary Douglas, “Pureza e Perigo”, São Paulo, Perspectiva, 1976.

denomina como liminaridade) representa um estado de ameaça e perigo como ocorre em algumas culturas em relação à menstruação feminina, à gravidez, etc⁷⁸.

Em nossa sociedade, o perigo do estado de transição (ou liminaridade) diz respeito ao estigma imposto pelos membros do grupo ao qual o indivíduo pertence. No caso aqui analisado, o estigma refere-se ao corpo feminino, que não corresponde aos atributos exigidos pela maioria, isto é, o corpo gordo, truculento, que opera repudio no olhar do outro.

Por esta razão, grande é o número de mulheres que não só procuram serviços especializados da estética corporal como também terapias com o intuito de conviverem com o fantasma de um corpo inatingível. Aliás, esse foi um dos elementos reveladores desta pesquisa.

O estado de transição ou de liminaridade é bastante significativo na faixa etária de mulheres de 40 a 50 anos. Sobretudo no início dos cinqüenta, quando, segundo elas, começam a surgir os primeiros indícios do envelhecimento corporal ou, como muitas mulheres que referem: *“o corpo começa a se tornar indesejável”*. É a partir desse momento que o mascaramento estético-corporal começa a se tornar mais intenso e obsessivo, com a opção de intervenções radicais, seja no âmbito da cirurgia plástica facial, seja no da lipoaspiração.

⁷⁸ Ver: Victor Turner, “O Processo Ritual”, Rio de Janeiro, Vozes, 1974.

Reencontrar antigos amigos é uma forma de confronto íntimo com o tempo, sobretudo com a aparência física transformada, que remete o outro inevitavelmente à consciência da sucessão dos anos e seus efeitos sobre o corpo. Tal experiência pôde ser observada na Academia, através do encontro/confronto e íntimo de algumas de minhas interlocutoras com suas antigas colegas do secundário que, por acaso, freqüentavam também o mesmo lugar.

A surpresa do encontro se revelava através da intensidade do grau de espanto que se estampava em cada rosto: “...*nossa! como você está diferente....você era tão magrinha.....*” ou ainda: “...*se você não revelasse seu nome, eu era capaz de não lhe identificar, tamanha tua transformação!*”. É claro, a escala de valores, positiva ou negativa, permanecia velada, subjacente ao grau de admiração. Posteriormente, fiz questão de conferir com essas mulheres a sua impressão verdadeira, umas sobre as outras. Ficou claro que elas se reconheciam mutuamente através das perdas dos atributos estéticos, como: mais gordas, mais flácidas, os cabelos mais ralos, a pele mais enrugada, a barriga mais protuberante, etc.

Outra estratégia por mim utilizada foi a comparação de fotos antigas em que essas mulheres pudessem se reconhecer. O resultado, um pouco como no livro de Oscar Wilde, *O Retrato de Dorian Gray*, foi o de evitar perceber o tempo passar no próprio corpo. Os retratos representavam para essas mulheres uma espécie de reafirmação atualizada do frescor ainda juvenil, no

qual elas próprias se auto-reconheciam. Com exceção, é claro, de alguns casos em que identificavam detalhes inevitáveis, tais com o peso a mais, as rugas, etc, Todavia, relativizando de acordo com a cronologia das fotos.

A diversidade do estado civil dessas mulheres não revelou nenhum tipo de desinvestimento sobre a estética corporal. O alto grau de intensidade da preocupação com a aparência estética foi uma tônica recorrente, tanto no discurso quanto nas suas práticas. É claro que as mulheres solteiras e as desquitadas tinham maior interesse de exibir o corpo em lugares públicos, como em praias e festas, com o intuito de corresponderem ao desejo e admiração do olhar masculino. Por outro lado, as casadas, embora mais discretas quanto a forma de se mostrarem, nutrem a mesma vaidade de ser admiradas e desejadas por vias indiretas, através dos atributos estéticos, regulados pelo olhar de um outro.

As Academias, além de sua destinação específica, ocupam também um lugar importante de sociabilidade na vida dessas mulheres. Ali costumam dar evasão a toda sorte de fantasias, inclusive eróticas, pois o percentual de público masculino é grande. Além disso, aquele local serve como uma espécie de antídoto contra o tédio cotidiano da vida.

Por lá, também, costumam trocar confidências, falar do prosaico cotidiano, que liga desde o marido às tarefas de ser mãe, das empregadas e dos colégios dos filhos, da moda e do consumo de grifes importadas, dos

comentários da última festa, da roupa da amiga, do casamento da outra que está falido, da última separação da semana, etc. Também serve como espaço agenciador de paqueras, namoros e até casamentos. Sobretudo, quando se trata de pessoas solteiras e desquitadas, entretanto, não quis aprofundar esse e outros aspectos nesta pesquisa, pois fugiria do enfoque e da perspectiva escolhida, haja vista que evitei deliberadamente incorrer na abordagem e lugar-comum dos estudos de gênero.

Para isso, em nenhum momento da pesquisa me preocupou analisar as representações masculinas da estética feminina, mesmo reconhecendo a importância dos homens nas Academias. Meu maior interesse incidiu unicamente nas próprias representações femininas do corpo, em suas projeções fantasmáticas, transformando a aparência na principal meta de suas vidas. Embora reconheça que a principal preocupação dessas mulheres esteja ligada, essencialmente, ao desejo de reconhecimento do olhar do outro, como forma de auto-reconhecimento de si mesma.

Como os dispositivos penais que classificam e traduzem as infrações, que calcula as penas, o corpo na contemporaneidade é vulnerável à imposição de padrões normativos: ou o indivíduo corresponde a um determinado modelo estético ou este sofrerá tacitamente as sanções de seu grupo.

A prisão diz respeito ao visível: ela não só pretende ver o crime e o criminoso como constitui ela própria uma forma de visibilidade. Com efeito, a prisão representa um tipo de “regime de luz”, que se define através do

Panoptismo, isto é, por um agenciamento visual e por um meio luminoso, no qual o vigilante a tudo pode ver sem ser visto e os detidos são notados a cada instante, sem que eles próprios possam ver (como a torre central e celas periféricas de uma penitenciária). Assim, quando Foucault define o *Panoptismo* ou o determina concretamente como um agenciamento óptico ou luminoso que caracteriza a prisão, ou define de forma abstrata como uma máquina que não se aplica a uma forma visível no geral (oficina, quartel, escola, hospital enquanto modalidades de prisão), como também perpassa todas as funções enunciáveis. Com efeito, a fórmula do *Panoptismo* já não é apenas “ver sem serem visto”, mas “impor uma qualquer conduta a uma qualquer multiplicidade humana”.

Finalmente, retomo aqui a indagação que me motivou a realizar esta pesquisa: **O que realmente faz de algumas dessas mulheres verdadeiras dependentes e prisioneiras do “ópio especular”, de sua própria imagem, sempre através do olhar vigilante de um Outro?**

As Academias parecem sintetizar o ideal dessa “política do corpo” baseada na vigilância e no controle e na disciplina de padrões estéticos, que fazem dessas mulheres dependentes e prisioneiras do simulacro de sua própria imagem. As superfícies espelhadas das salas de musculação e de outras atividades físicas, de certo modo, atuam como o *olhar panóptico* do qual se refere Michel Foucault.

Vivemos sob o signo do normativo, dominado por agentes reguladores da normalidade e da vigilância: o professor-juiz, o médico-juiz, o educador-juiz, o assistente social-juiz, o professor de educação física-juiz atuando nas Academias... Tal mundo constitui uma rede nitidamente carcerária sob formas concentradas ou disseminadas. Portanto, o sistema carcerário estende-se bem além da prisão legal. A prisão representa no fundo apenas a forma pura dentro de um contínuum de aparelhos disciplinares e instituições reguladoras especializadas.

O poder normatizador não é exercido somente no interior das prisões, mas também através de mecanismos sociais voltados para a produção de saúde e bem-estar, como é o caso das Academias, dos SPAS e das Clínicas de Estética: lugares que transformam, alimentam e interiorizam nessas mulheres o sentimento de verdadeiras prisioneiras de suas próprias imagens.

BIBLIOGRAFIA

1. ACKERMAN, Diane. *Uma História Natural dos Sentidos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
2. ALVES, P. & RABELO, M. (Orgs.) *Antropologia da Saúde. Traçando Identidade e Explorando Fronteiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
3. BRUHNS, H. *Corpo Parceiro e Corpo Adversário*. Campinas: Papyrus, 1993.
4. BASTIDE, R. *Sociologie et Psychanalyse*. Paris: PUF, 1958.
5. BOLTANSKI, L. *As Classes Sociais e o Corpo*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
6. BAUDRILLARD, Jean. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, 1995.
7. _____. *A Ilusão Vital*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001.
8. BELÉM, M. *Mulher no Brasil. Nossas Marcas e Mitos*. São Paulo: Escuta, 2000.
9. BOBBIO, N. *Tempo de Memória. De Senectude*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
10. BOSI, E. *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.
11. BIRMAN, J. *Entre Cuidado e Saber de Si. Sobre Foucault e a Psicanálise*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
12. BARROS, Myrian. *Velhice ou Terceira Idade?* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
13. BERTAUX, D. *Les Récits de Vie*. Paris: Nathan, 1997.

14. BAKHTIN, M. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais*. São Paulo: UNB, 1996.
15. BOURDIEU, P. *La Distinction. Critique Sociale du Jugement*. Paris, Minuit, 1982.
16. CLIFFORD, J. *A Experiência Etnográfica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
17. CABEDA, S. & CARNEIRO, N. *O Corpo Ainda é Pouco. II Seminário Sobre a Contemporaneidade*. Feira de Santana: NUC/UEFS, 2000.
18. CASTRO, C. *Estrutura e Apresentação de Publicações Científicas*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.
19. CLARK, A. *The Nude: A Study of Ideal Art*. London: John Murray, 1956.
20. DEVEREUX, G. *De L'Angoisse à la Méthode dans les Sciences du Comportement*. Paris: Flammarion, 1980.
21. DOUGLAS, M. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
22. DEBERT, G. & NERI, Anita. (Orgs.) *Velhice e Sociedade*. Campinas: Papirus, 1999.
23. DEBERT, G. *A Reinvenção da Velhice*. São Paulo: FAPESP, 1999.
24. DANTAS, E. *Pensando o Corpo e o Movimento*. Rio de Janeiro: Shape, 1994.
25. DOR, J. *Introdução à Leitura de Lacan: O Inconsciente Estruturado Como Linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1969.
26. DOLTO, F. *Seminário de Psicanálise de Crianças*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1985.
27. DEL PRIORI, M. *Ao Sul do Corpo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
28. FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
29. _____. *Surveiller et Punir*. Paris: Gallimard, 1975.
30. FRAIMAN, Ana. *Coisas da Idade*. São Paulo: Gente, 1995.
31. FREUD, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
32. GENNEP, A. *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
33. GIDDENS, A. *A Transformação da Intimidade. Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*. São Paulo: UNESP, 1992.

34. GEBARA, I. *Rompendo o Silêncio. Uma fenomenologia feminista do mal*. Petrópolis: Vozes, 2000.
35. GEERTZ, C. *O Saber Local*. Petrópolis: Vozes, 2000.
36. GUILLON, M. *Le Corps et L'Appareil*. Paris: Traverses, n 14-15, Avril, 1974.
37. GUTIERREZ, L. & BRUHNS, H. (Orgs.) *O Corpo e o Lúdico. Ciclos de Debates Lazer e Motricidade*. Campinas: Autores Associado, 2000.
38. HALL, S. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
39. HERTZ, Robert. *Sociologie Religieuse et Folklore*. Paris: PUF, 1970.
40. HEKIER, M. & MILLER, C. *Anorexia – Bulimia: Deseo de Nada*. Argentina: Paidós, 1994.
41. HEILBORN, Maria Luíza. (Org.) *Sexualidade. O Olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
42. JODELET, D. (Org.) *Les Représentations Sociales*. Paris: Puf, 1997.
43. KEHL, Maria R. *Deslocamentos do Feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
44. KAPLAN, E. A. *O Mal-Estar no Pós-Modernismo. Teorias, Práticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
45. KAUFMANN, Jean-Claude. *L'Entretien Compréhensif*. Paris: Nathan, 1996.
46. LEAL, Fachel Ondina. (Org.) *Corpo e Significado. Ensaio de Antropologia*. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade, 1995.
47. LÉVI-STRAUSS, C. *As Estruturas Elementares de Parentesco*. São Paulo: Vozes, 1976.
48. _____. *El Crudo y el Cocido*. Trad. Juan Almela. México: Fondo de Cultura Económica, 1968.
49. LE BRETON, D. *Anthropologie du Corps et Modernité*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.
50. _____. *Des Visages. Essai D'Anthropologie*. Paris: A. M. Métailié, 1992.

51. _____. *Corps et Sociétés. Essais de Sociologie et D'Anthropologie du Corps*. Paris: Méridiens – Klincksieck, 1985.
52. _____. *La Sociologie du Corps*. Paris: PUF, 1991.
53. _____. *La Chair à Vif. Usages Médicaux et Mondains du Corps Humain*. Paris: Métailié, 1993.
54. LOURO, Guacira L. (Org.) *Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
55. LÉVY, P. *O Que é o Virtual?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
56. LOUREIRO, Altair L. *A Velhice, o Tempo e a Morte*. Brasília: UNB, 2000.
57. LARAIA, R. *Cultura. Um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
58. MAISONNEUVE, J. *Modèles du Corps et Psychologie Esthétique*. Paris: PUF, 1981.
59. MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*: São Paulo: EDUSP, 1974.
60. MÉAUX, D. *Les Corps et Ses Discours*. Paris: L'Hartmathan, 1995.
61. MORIN, E. *Saberes Globais e Saberes Locais. O Olhar Transdisciplinar*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.
62. MAFFESOLI, M. *O Tempo das Tribos: O Declínio do Individualismo nas Sociedades de Massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
63. MEDINA, João P. *O Brasileiro e seu Corpo: Educação e Política do Corpo*. São Paulo: Papyrus, 1994.
64. MARCUSCHI, L. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
65. MALINOWSKI, B. *Sexo & Repressão na Sociedade Selvagem*. Petrópolis: Vozes, 1973.
66. MALDONADO, Maria Tereza & GOLDIN, Alberto. *Maiores de 40*. São Paulo: Saraiva, 1997.
67. MCDOUGALL, J. *Teatros do Corpo*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
68. NORBERT, Elias. *O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes*. Vol. I, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

- 69.NASCIMENTO, A. *Quem tem Medo da Geração Shopping?* Salvador: EDUFBA, 1999.
- 70.NERI, A. & FREIRE, S. *E Por Falar em Boa Velhice.* Campinas: Papyrus, 2000.
- 71.OLIVEIRA, Roberto C. *O Trabalho do Antropólogo.* São Paulo: UNESP, 1998.
- 72.PASCOLATO, Costanza. *O Essencial. O Que Você Precisa Saber para Viver com Mais Estilo?* Rio de Janeiro: objetiva, 1999.
- 73.PARKER, R. *Corpos, Prazeres e Paixões. A Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo.* São Paulo: Best Seller, 1991.
- 74.PACKARD, V. *L'Homme Remodelé.* Paris: Calmann-Lévy, 1978.
- 75.PICARD, D. *Du Code au Désir. Le Corps dans la Relation Sociale.* Paris: Dunod, 1983.
- 76.PERROT, D. *La Maquillage, Une Inscription Corporelle Moderne.* Paris: DEA, Paris V, 1985.
- 77.RIVIÈRE, C. *Les Rites Profanes.* Paris: PUF, 1995.
- 78.RODRIGUES, José Carlos. *O Tabu do Corpo.* Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- 79._____. *O Corpo na História.* Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- 80._____. *Ensaio em Antropologia do Poder.* Rio de Janeiro: Terra Nova, 1992.
- 81.ROUQUETTE, M. & RATEAU, P. *Introduction à L'Étude des Représentations Sociales.* Grenoble: Presses Universitaires, 1998.
- 82.SILVA, B. (Coordenador) *Dicionário de Ciências Sociais.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- 83.SILVA, Ana Márcia. *Corpo, Ciência e Mercado. Reflexões Acerca de um Novo Arquétipo de Felicidade.* Santa Catarina: UFSC, 2001.
- 84.SFEZ, Lucien. *A Saúde Perfeita: Crítica de uma Nova Utopia.* São Paulo: Loyola, 1996.
- 85.SOARES, Carmem L. (Org.) *Corpo e História.* São Paulo: Autores Associados, 2001.

- 86.SANTIN, S. *Educação Física. Uma Abordagem da Corporeidade*. Rio Grande do Sul: UNIJUÍ, 1987.
- 87.SIMÕES, R. *Corporeidade e Terceira Idade. A Marginalização do Corpo Idoso*. Piracicaba: UNIMEP, 1998.
- 88.SILVERMAN, D. *Qualitative Data. Methods for Analysing Talk, Text and Interaction*. London: Sage Publications, 1993.
- 89.TONIAL, Sueli R. *Desnutrição e Obesidade. Faces Contraditórias na Miséria e na Abundância*. Recife: IMIP, 2001.
- 90.TURNER, V. *O Processo Ritual*. Rio de Janeiro: Vozes, 1974.
- 91.VELHO, G. *Nobres e Anjos. Um Estudo de Tóxicos e Hierarquia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- 92._____. (Org.) *Antropologia Urbana. Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- 93._____. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- 94.VIGARELLO, G. *Le Prope et Le Sale. L'hygiène du Corps depuis Le Moyen-Âge*. Paris: Seuil, 1982.
- 95.WOLF, Naomi. *O Mito da Beleza. Como as Imagens de Beleza são Usadas Contra as Mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- 96.WILDE, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*.